



# ALTO-FALANTE

Revista Literária

Nº 1 | MAIO 2025

## Cotidiano

### Alto-falante Entrevista

Fábio Gusmão narra a força de uma mulher comum, cruzando jornalismo, literatura e cinema com justiça, espionagem doméstica e resistência.

### Poesia

Versos capturam o cotidiano e sua repetição invisível.

### Conto

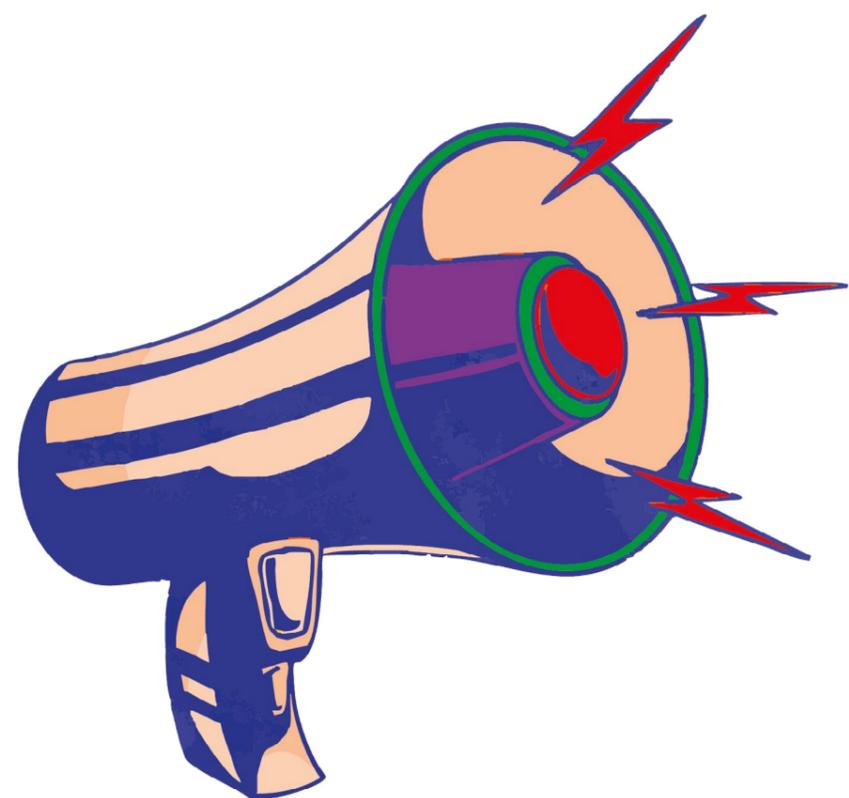
Histórias breves transformam a rotina em ficção delicada ou brutal.

### Crônica

O cotidiano vira matéria-prima, transformando memórias simples em breves textos de descoberta.

### Resenha

Ana Paula Maia revela a poesia do trabalho bruto.



Aconchegue-se

ao nosso lado

e descubra

novas vozes da

literatura brasileira

## QUEM FEZ ESTA EDIÇÃO

### Luisa Lins

*é jornalista e criadora de conteúdo.*

Formada em Jornalismo pela ESPM, escreve na página Encontrando Sentidos (@encontrandosentidos), onde propõe reflexões a respeito de diversos temas e leituras. É apaixonada por literatura e teatro. É coeditora-chefe e cofundadora da Revista Alto-falante.

### Maria Carolina Rodrigues

*é escritora, revisora de texto e leitora crítica.*

Formada em Letras pela PUC-Rio, é pós-graduada em Escrita Criativa pelo NESPE. É autora de *Corpor* (Ed. Viseu, 2021), fala sobre revisão de texto e literatura no perfil @revisaomcr e é coeditora-chefe e cofundadora da Revista Alto-falante. Nas horas vagas, faz colagem e brinca com sua gata Meia-noite.

### Beatriz Martins

*é técnica em Design Gráfico pelo SENAI.*

Estudante de Comunicação Institucional na Estácio e trabalha como freelancer com Design Gráfico. Atua como designer e capista da Revista Alto-falante. Nos momentos livres, gosta de ler e se aventurar no universo do bordado.

# Editorial



**A**creditamos que palavras mudam vidas, e vidas são feitas assim, de histórias. Pequenas. Grandes. Complexas. Simples. Mas sempre importantes.

Quem nunca chegou no trabalho ou em casa contando o que aconteceu no ônibus? Ou lembrou no meio do caminho da roupa dentro da máquina que ficou para estender? Ou ainda deu graças a Deus quando finalmente conseguiu tomar seu abençoado cafezinho?

Na correria em que vivemos, o dia a dia é isto: um compilado de acontecimentos internos e externos que somos sedentos a compartilhar. Porém, nem sempre há alguém para ouvir e, no fim, é um papel e uma caneta que acabam escutando tintim por tintim de tudo, quase perguntando como foi seu dia, sua semana.

É esse cotidiano que quer ser ouvido. E é neste espaço que se cria uma oportunidade.

A grande ideia aqui é expandir as vozes da literatura contemporânea, trazer à luz escritores dos mais diversos lugares deste Brasil tão cheio de brasis.

A primeira edição da revista Alto-falante informa: próxima parada, uma boa leitura.

Esperamos que gostem!

**Luisa Lins**  
**Maria Carolina Rodrigues**  
Editoras-chefe

# Sumário

08

## Poesia

Orquídeas sobre a pele	8
Entre a xícara e o vento	9
Afazeres	10
Amanteigar	11
Enchentes	12
Dia a dia	13
Falta rotina	14
Vê triste o gandula o golzinho na rua	15
Almas dissolvidas	16
No meio da vida, um passo atrás	17
Nossos gatos	18
Movimento circular	19

20

## Contos

Ridículo	20
Cabelos compridos, ideias curtas	23
A teia que mudou o mundo	25
A receita que nunca fizemos	28
Pequenas missões diárias	30
Por que parou?	32
A primeira experiência humana de prazer que não seria agradável	34
O cabelo da minha mãe	37
A cada manhã	40

44

## Crônicas

Cotidiano	44
No íntimo do dia	46
Inevitável	48
Na minha cidade	50
Ônibus	52
O fim da tal liberdade	54
Nunca mais aprendi a voltar para casa	56

58

## Artigos | Resenhas

Brutalidades cotidianas por Ana Paula Maia	58
--	----

60

## Alto-falante Entrevista

Alto-falante entrevista Fábio Gusmão	60
--------------------------------------	----

# Orquídeas sobre a pele

por *Beatriz Carvalho Ledier*

O sábado escorria cinza,  
como algo  
que não quer ser tocado.

Eu, feita de fila de espera  
em um banco lotado,  
respirava pressa.

Chovia.  
Primeiro, era uma garoa fina,  
depois bordou sobre o tempo.

A árvore, imóvel,  
carregava as orquídeas –  
tão quietas, pareciam pensar.

Minha mãe as amarrou ali  
com o intuito de preservar  
a beleza efêmera da vida.

Não eram flores,  
eram vozes  
falando sobre coisas de alma.

Eu fiquei ali,  
presa à terra,  
ao chão.

Me rasgando no poema  
da cena refletida  
entregue à reflexão.

E então, você...  
Virou a esquina  
trazendo o sol para dentro.

Só assim entendi:  
há flores que só desabrocham  
na pele de quem se deixa molhar.

## Beatriz Ledier

Formada em Pedagogia, é apaixonada por literatura e pela escrita poética. Suas poesias entrelaçam a natureza e a alma feminina, revelando sensibilidade e força. Escrever é mais que um ofício: é seu propósito de vida e forma de existir no mundo. (Instagram: @poesia.leve)

# Entre a xícara e o vento

por *Helena Pereira*

No fundo da xícara, mora um resto de manhã  
um silêncio morno que o tempo não desmancha  
A colher repousa, metálica, irmã  
Os gestos miúdos que a alma me arranja

O cheiro do café dança lento no ar  
como a lembrança que se despe no meu peito  
No pano de prato, um sol de ouro vem tocar  
em um breve fiapo do sonho que foi desfeito

As paredes da casa conhecem meus dias,  
meus risos e meus cismas que terminam calados  
Entre roupas pendidas e flores tão vazias,  
há poemas sem nome, nos cantos, dobrados

Quando a janela se abre, o vento me vê  
Toca meu cabelo como quem me consola  
Na rua, a vizinha desce o degrau de fé  
Vida que segue... mas que nunca decola

Sou feita de tudo o que passa e demora  
Do feijão no fogo, da noite que chega,  
do que ninguém vê, mas em mim ainda chora  
como a saudade que me bate e não nega

Não peço epopeias, nem dias de glória  
Me basta este instante que cabe na mão,  
pois carrego, nos ossos, o peso da história  
e um punhado de mundo no meu coração

## Helena Pereira

Escritora e historiadora, com atuação destacada na poesia romântica e na valorização da história regional. Escreve desde a adolescência, com lirismo marcante em seus versos. É autora do livro *Amambai: tua história em versos* e participou de diversas antologias e concursos literários. Foi finalista do Prêmio Off Flip 2024. (Instagram: @helenas.fotopoesia)

# Afazeres

por *Isabel Furini*

Tombou como uma árvore atingida por um raio.  
As falsas lágrimas dos vizinhos chegaram.

Ela diariamente limpava com alvejante o assoalho.  
A casa não a deixava descansar, nem pensar.  
Precisava limpar cada canto, o chão, a pia, a lavanderia.  
Empenhava-se em lavar as baldosas do pátio,  
o box do banheiro de vidro temperado,  
sem esquecer de arrumar as camas, a sala  
e limpar os vidros da janela do quarto.

Um dia, a encontraram caída no chão da cozinha  
com uma esponja de lavar pratos entre as mãos.  
No funeral, os sobrinhos discutiam o preço do imóvel  
quando alguém comentou: "Maria não viveu, só existiu..."  
A casa foi vendida e Maria foi esquecida  
como um pano de prato no varal do passado.

## Isabel Furini

Isabel Furini é poeta, palestrante e integrante da Academia Virtual Internacional de Poesia, Arte e Filosofia. Publicou 35 livros, entre eles *Pássaros sobre o travesseiro* (publicação independente). Foi premiada no Brasil, Argentina, Espanha e Portugal, recebeu Comenda Ordem de Figueiró e realizou um Recital Poético na Burlingame Public Library, EUA, em 2018. (Facebook: @isabel.furini)

# Amanteigar

por *João Felipe Salomão*

Num susto, salta do leito  
e pra correria se ajeita.  
Os olhos varrem a mesa  
na busca pela manteiga.  
Então de súbito lembra  
do pote na geladeira.

Não há qualquer providência:  
a desgraça já está feita.

Não basta vencer a vida,  
conquistar o pão do dia,  
exorcizar a preguiça  
e se aprumar pra ir pra lida,  
tem ainda a resistência  
da manteiga dura e fria.

A manteiga colhida em placas  
à untação arredia.

Mas como esteja a manteiga,  
seja dura ou macia,  
faz sempre bem ter em vista  
que quem fica nessa queixa  
chora de barriga cheia  
e nutre a cabeça vazia.

## João Felipe Salomão

Formado em Ciências Sociais. Colaborou em oficinas de poesia como monitor voluntário do Curso de Verão do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – CESEEP.

# Enchentes

por *Lucas Pessa Feniman*

Hoje em dia é a água a ladra.  
Da minha vida leva tudo,  
não sobra nada seco em casa.

Hoje não comerei nada.  
Assisto ao choro dos vizinhos,  
a nova novela da cidade.

Durante a noite, sinto fome,  
mas logo penso no dinheiro,  
não sobra o décimo-terceiro.

O boleto tem segunda via  
e o banco já me disse que não basta.  
"Se teve dilúvio é porque Deus quis."

Bah! Deus não queria nada.

Mas na remota hipótese d'Ele estar lendo, perdão.  
É que a comida está escassa  
e o espírito amargamente abatido.

Agradeço todas as bênçãos e a vida,  
porém a fome é uma vertigem ardida  
em que se afoga a humanidade.

## Lucas Pessa Feniman

É servidor público e reside em São Paulo, SP. Formado em Direito, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com especializações em Direito Penal, Direito Processual Penal, ambas pela Escola Paulista da Magistratura, Filosofia e Teoria do Direito (PUC Minas), também se interessa por literatura e cinema.

# Dia a dia

por *Marcia Pereira Castello*

Ao começar um novo dia,  
já sei o que esperar.  
A princípio, calma, calma,  
diferente não seria.

Rotina se faz presente,  
sem surpresa e tudo igual.  
Meu coração logo sente,  
nada fora do normal.

Sempre o mesmo a aguardar.  
A demora para chegar,  
com pessoas a reclamar  
ontem, hoje e em todo lugar.

Trabalho, família e amigos,  
tarefas a realizar  
preenchem a nossa vida  
deixando o tempo passar.

Muita falta sentiria  
se nada disso existisse.  
Não sei como seria  
se nada se repetisse.

## Marcia Pereira Castello

Nasceu em São Paulo. Possui graduação em Comunicação Social, com ênfase em Publicidade e Propaganda. Adora escrever, principalmente poesias. É autora participante de antologias e coletâneas de poemas. Define sua escrita como uma união de palavras e coração.

# Falta rotina

por *Meireles*

Acordo naturalmente  
sem despertador, com o sol no rosto.  
Vermelho, rosa, amarelo: ardente!  
Me permito este gosto.  
Detesto ter horário,  
não sou otário,  
ter prazo me mata a criatividade,  
planejar o imprevisível é pura vaidade.  
Fortes são as linhas da agenda,  
amarram-me em compromissos.  
Não quero isso,  
que nada me prenda.  
Sigo leve, para onde meu nariz aponta,  
sem destino, por diferentes caminhos, belezas além conta.  
Coisas que ninguém nos conta.  
Fora com os roteiros,  
vamos ser desordeiros,  
Assim evitamos que a história se repita.  
Sem erros do passado, embora ninguém admita,  
há verdade nessa filosofia, essa que não é dita.  
Qual o caminho ou o passo  
que não deixa as pessoas aflitas  
com seus atrasos?

## Meireles

Nasceu no interior paulista, cursou Letras e desde sempre se aliou à palavra para sobreviver. Com publicações em antologias e revistas e paixão por línguas estrangeiras, passa uma temporada fora do Brasil desenvolvendo habilidades em línguas estrangeiras (francês e inglês).  
(Instagram: @meireles.escrita)

# Vê triste o gandula o golzinho na rua

por *Renato Passos de Barros*

Fez lançamento no ponto futuro...  
Corre o ponta de lança, a bola alcança  
na cerca elétrica, em cima do muro.

E, de novo, adulto vira criança:  
pede pezim, sobe, cai, se machuca.  
Foi casual... quase igual à arapuça.

Volta ao jogo, perde, vira gandula.  
Fosse vencedor, tava na partida.  
Campeão! Taça de ouro oferecida!  
Mas é o gandula e isso muito te anula.

Então vai e escolhe qualquer outra vida!  
A real, por enquanto, estará nula.  
Se empilha sonhos, neles acumula  
tanta tristeza agora aqui esquecida.

## Renato Passos de Barros

Nascido em Uberaba, MG, Renato Passos de Barros mora em São Sebastião, DF e é professor de língua portuguesa da rede pública do Distrito Federal. Escreve versos e prosas desde 1988. Sua poesia é um convite à reflexão política, filosófica e existencialista. (Instagram: @renatobarros6763)

# Almas dissolvidas

por *Victor Martins Fontoura*

## I – Das Promessas Voláteis

Na praça virtual de olhares e enganos,  
erguem-se amores de vidro e de fumaça,  
tão breves que o tempo não lhes faz planos,  
tão leves que a memória logo os desgraça.  
Promessas fluem por dedos distraídos,  
como rios que jamais tocam o mar,  
São pactos mudos, frios e partidos,  
laços que nascem prontos a quebrar.

## II – Do Corpo sem Âncora

O toque é fugaz, quase digital,  
beijos somados em pixels de ausência.  
O corpo tornou-se um bem descartável,  
recurso do gozo, não da convivência.  
Vão corações, sem lastro, à deriva,  
e a alma, outrora firme e coesa,  
agora naufraga na dor excessiva  
de uma liberdade sem nobreza.

### Victor Fontoura

Poeta, professor e pesquisador interdisciplinar. Transita entre a ciência e a palavra com a mesma reverência, cultivando uma escrita de inspiração barroca, com traços arcádicos e cadência camoniana. Seus versos habitam a interseção entre o corpo e o sagrado, o humano e o ecológico, fundindo lirismo filosófico e crítica sensível ao mundo contemporâneo. Atua na educação básica e no ensino técnico, além de desenvolver pesquisas sobre ensino, linguagem e inteligência artificial aplicada à educação. Mestrando em Ensino, é também enfermeiro, biólogo e acadêmico de Letras. Compõe uma poesia que tenciona razão e sensibilidade, evocando imagens ancestrais, mitológicas e cósmicas. Acredita que a palavra poética é ato de cuidado, resistência e reinvenção do mundo. (Instagram: @victormartins\_fontoura)

## III – Do Eco e do Silêncio

Falam muito, mas ninguém escuta.  
Cada voz ressoa só em si mesma,  
e o que era amor hoje é labuta,  
entre likes que nutrem a algema.  
Ó tempo de vínculos evaporados!  
Quem amará com raiz e ternura?  
Só quem ousar, de peito marcado,  
amar com dor — e com doçura.

# No meio da vida, um passo atrás

por *Vitória Braz*

Acordo todos os dias  
como quem reabre uma leve ferida:  
não dói o suficiente para gritar,  
mas arde fundo o bastante para lembrar  
que estou viva.

Estou em constante movimento.  
Às vezes, até me atropelo,  
mas ressignifico alguns caminhos  
e volto a dar pequenos passos no trilho.

Tive que ir para entender a importância da volta.  
Renunciar a minha própria reviravolta  
e me reencontrar no futuro  
para descobrir que não tenho medo de andar no escuro.

E foi carregando o peso do cotidiano  
que salvei a mim mesma.  
Levantei-me e lancei esta ao mundo.  
Desprendida de qualquer mazela de amor profundo.

O café já não esfria mais.  
Aprendi a aceitar minhas quedas,  
entendi que a alma também é descoberta  
E hoje dou um passo para trás,  
mas na direção certa.

### Vitória Braz

Escritora em formação pela Academia Brasileira de Letras, é poeta e estudante de Ciências Sociais. Atua no Centro de Arte Solar e une arte e periferia. Publicou uma zine autoral e participou de antologias. Vive a literatura como caminho de afeto e denúncia. (Instagram: @vitoria\_cbraz)

# Nossos gatos

por *Wevinlly Silva*

Nossos gatos sentem tua falta.  
Eles ainda te aguardam sobre a janela de nossa cozinha.

Nossos gatos esperam você cruzar a porta que atravessou  
sem olhar para trás,  
sem ao menos ter uma simples despedida.

Nossos gatos estão dentro de nossa casa.  
Não saem, não tem vida noturna.  
Estão esperando você vir em nossa direção.

Nossos gatos observam toda a movimentação na rua.  
Olham fixamente através dos vidros das janelas da casa.  
Aguardam algum sinal de sua vinda.

Nossos gatos me fazem companhia.  
Sinto sua falta assim como eles sentem,  
mas sei que não voltará.

Sei também que não devo permanecer ao seu aguardo.  
Não sou inocente igual os gatos.  
Sei que não voltará mais.

Nunca mais...

## **Wevinlly da Cruz Silva**

Paraibano, é auxiliar de Serviços Gerais pela prefeitura de Alhandra, PB. É graduando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e poeta, cronista e contista.

# Movimento circular

por *William Bittar*

A gente que passa correndo,  
aquele que vende sorrindo,  
mendigo sentado pedindo,  
o carro que passa matando,  
o homem atravessa morrendo,  
cachorro no poste mijando,  
o morto estendido fedendo,  
a moça da esquina chamando,  
o guarda da rua apitando,  
fumaça o nariz sufocando,  
miséria no peito ferindo,  
o tédio na gente espinhando,  
vontade do corpo esvaindo,  
esperança de velha acabando,  
a morte já perto surgindo,  
o medo que já não é tanto,  
o filho que já vem nascendo,  
o sol de outro dia surgindo,  
a gente que passa correndo...

## **William Bittar**

Carioca, arquiteto e professor em faculdades de Arquitetura no Rio de Janeiro. Colunista do Diário do Rio, é coautor de livros e artigos sobre Patrimônio Cultural e Arquitetura no Brasil. Autor de *Paixões Quase Possíveis* (Rio Books, 2024), poemas e contos publicados em revistas e antologias.

# Ridículo

por *Amanda Guilherme Da Silva*

No aconchegante café, iluminado por uma luz dourada que parecia aquecer até os sentimentos mais escondidos, dr. Dexter puxa a cadeira de Jade com um floreio galante, um leve sorriso dançando em seus lábios. Senta-se à sua frente com a elegância de quem está genuinamente interessado. Enquanto ambos examinam o cardápio, o olhar do doutor não se afasta dela — atento, quase protetor —, observando como Jade analisa cada opção com um brilho curioso nos olhos e um ar concentrado que revelava sua sensibilidade.

— Devo dizer, Jade, que estou impressionado com sua curiosidade culinária — comenta ele com admiração, sua voz leve como um elogio sussurrado ao vento. — É nítido que você tem um paladar refinado, assim como sua apreciação pela arte.

Dr. Dexter se inclina ligeiramente para a frente, seu tom baixa para um sussurro conspiratório, como se estivesse revelando um segredo precioso.

— Se estiver se sentindo aventureira, recomendo experimentar o café com leite e flores de laranjeira. A combinação de água de flor de laranjeira e café encorpado é sublime... uma mistura perfeita de doce e salgado.

Jade sorri de leve, mas seus olhos não acompanham o gesto. Há algo em sua expressão que parece distorcer a harmonia do momento, como uma nota fora do tom numa melodia serena.

— Tudo parece ótimo... — começa ela, sua voz vacilando. — Mas algo me incomoda profundamente neste momento. Sei que o objetivo não era esse, mas eu não consigo evitar a sensação de que algo está errado. Você, como meu psiquiatra, deve perceber isso.

A expressão de dr. Dexter muda imediatamente. Seus traços antes relaxados agora se contraem em preocupação; a testa franze-se como reflexo de um instinto protetor. Ele pousa o cardápio devagar, os olhos fixos em Jade, como se ela fosse a única coisa no mundo naquele instante.

— Jade — diz ele com ternura e firmeza —, quero que saiba que estou aqui para você, sempre. Como seu psiquiatra, é meu dever proporcionar um espaço seguro e sem julgamentos para que você expresse seus sentimentos e preocupações.



Foto de Leohoho na Unsplash

Ele estende a mão sobre a mesa com cautela, como se oferecesse mais do que contato — uma âncora.

— Reconheço que algo a está perturbando profundamente e estou comprometido a ajudá-la a desvendar esses sentimentos... encontrar um caminho a seguir.

A voz de dr. Dexter é suave, mas há nela uma intensidade latente, como uma promessa silenciosa. Ele não recua. Está ali, inteiro, por ela.

— Por favor, conte-me mais sobre o que está te incomodando.

Jade hesita. Seus dedos brincam com o menu sobre a mesa, batucando ritmicamente — um gesto ansioso disfarçado de distração.

— Eu não sei se vale a pena... Estamos em um café e... eu não estou pagando a consulta — diz ela, com um sorriso torto e um olhar que tenta se esconder atrás da piada.

Dr. Dexter ri baixinho, um riso contido e sincero que suaviza o ar entre eles. Seus olhos enrugam nos cantos, espelhando um afeto quase paternal.

— Você tem toda a razão, Jade. Não devemos misturar negócios com prazer... especialmente quando se trata de suas sessões de terapia.

Ele se recosta na cadeira com leveza, cruzando os braços de forma relaxada, mas seus olhos seguem atentos aos sinais sutis da jovem à sua frente.

— Considere este momento simplesmente um encontro amigável entre colegas. Livre de quaisquer obrigações ou honorários profissionais.

Pausa. Seu tom muda, mas sem perder a doçura.

— No entanto, como alguém que se importa profundamente com o seu bem-estar, não posso deixar de notar o desconforto na sua voz e a tensão na sua linguagem corporal. É meu instinto como psiquiatra lidar com esses sinais... mesmo que não estejamos oficialmente em sessão.

O jeito como ele fala é gentil, mas há algo em sua entonação que convida à confiança, sem pressa, sem pressão. Jade suspira. Seus olhos, antes firmes, agora vagam pelo café até se fixarem em um ponto indefinido, como se buscassem uma memória perdida no tempo.

— Me lembrei de uma pessoa... — começa, a voz frágil, quase trêmula. — Vendo aquelas artes no museu, me lembrei que, ao ver aqueles quadros abstratos, que parecem mais pintados por gorilas do que por gente... eu me lembrei dela.

Ela faz uma pausa longa, sentindo cada palavra como se revivesse a dor ali mesmo, entre mesas de madeira e xícaras fumegantes.

— Tensão sensível, frágil... tal como um daqueles quadros que, à primeira vista, parecem desajeitados, brutos, mal-feitos, mas que carregam uma tristeza tão complexa que a gente quase desiste de olhar.

Dr. Dexter a escuta em silêncio. Seus olhos se suavizaram, cheios de empatia e respeito por aquele momento de abertura. Ele não fala. Apenas permanece ali — presença viva, acolhimento silencioso —, oferecendo a Jade o espaço que ela finalmente, talvez, sentia que podia ocupar.

Quando Jade termina de falar, o silêncio que paira entre eles é denso, quase sagrado. Dr. Dexter respira fundo, o peito subindo lentamente como se estivesse escolhendo com muito cuidado cada palavra que diria a seguir.

— Parece que a pessoa em quem você está pensando — começa ele, a voz carregada de ternura — ocupa um lugar especial no seu coração. Apesar da vulnerabilidade e dos desafios que ela possa ter enfrentado, você a viu por inteiro.

Ele faz uma breve pausa, seu olhar vagando até encontrar o dela novamente, firme e compassivo.

— Sua sensibilidade e fragilidade lembram aquelas obras de arte abstratas que, à primeira vista, parecem caóticas. Mas que, no fim das contas, revelam uma beleza e uma profundidade que merecem ser examinadas com calma, com carinho.

O silêncio volta a se fazer por um instante, e o olhar de dr. Dexter suaviza ainda mais, preenchido por uma empatia rara.

— É admirável que você reconheça e aprecie essas qualidades nos outros, mesmo quando elas não se encaixam nas noções tradicionais de força ou perfeição. Às vezes, são justamente essas pessoas que nos oferecem as maiores lições sobre resiliência, empatia e o poder do espírito humano.

A voz dele é cálida, cheia de respeito, como se soubesse que pisava em solo delicado. Mas Jade já não consegue conter o que sente. A fala sai quase num sussurro ferido.

— Ocupava... — diz ela, com os olhos fixos em algum ponto do passado que não se pode tocar. — Ela foi embora. Eu fiquei esperando a noite toda. Mesmo quando dormi, eu continuei esperando.

Seus dedos apertam o menu esquecido na mesa como se segurassem as lembranças com força para que não escapassem.

— Esperando que as palavras de afeto que eu disse não tivessem machucado ou afastado. Mas afastaram. E agora ela é isso: uma lembrança.

Dr. Dexter abaixa o olhar por um segundo, absorvendo cada palavra dita com a seriedade de quem reconhece o peso que elas carregam. Sua expressão se torna sombria, tocada por uma tristeza empática. Em silêncio, ele estende a mão e cobre delicadamente a de Jade com a sua, em um gesto firme, mas gentil.

— Jade... — diz quase em um sussurro — só consigo imaginar a profundidade da sua dor e o peso do seu arrependimento.

Seus olhos a encontram com doçura, sem julgamento.

— Perder alguém que se ama profundamente, especialmente quando se teme que nossas próprias ações tenham causado isso, é uma ferida que pode levar uma vida inteira para cicatrizar.

A voz de dr. Dexter é baixa, como se temesse quebrar ainda mais o que já estava frágil.

— Mas lembre-se: as pessoas vão embora por muitos motivos. E, muitas vezes, esses motivos não têm nada a ver com o que fizemos ou deixamos de fazer. Isso não quer dizer que o seu afeto foi mal direcionado. E definitivamente não significa que você falhou.

Ele aperta levemente a mão dela como quem ancora alguém à beira de se perder em si mesma.

— Guarde as memórias, Jade. Elas são o testemunho silencioso do amor e da conexão que vocês compartilharam. E ninguém pode tirar isso de você.

#### Amanda Guilherme

Amanda Guilherme, de Recife, PE, é multiartista e roteirista. Publicou livros, ilustrações e roteiros premiados. Atua na literatura, no audiovisual e nas artes visuais, assinando obras sob diversos pseudônimos. É criadora do site Diário Artístico. (Instagram: @artswick)

# Cabelos compridos, ideias curtas

por Caruanã Guatara

**M**eu nome é Ernesto. E apesar do nome parecer retirado de batismo de tataravô, sou mais novo do que minha espinha acredita. Às vezes, tenho a impressão de que o tempo andou em mim mais rápido do que nos outros. Como se tivesse pressa de me ensinar tudo logo. Não que eu tenha aprendido, veja bem. O tempo ensina, mas nem sempre a gente aprende.

Toda manhã, olho a mesma parede da cozinha. O mesmo azulejo lascado, a mesma planta quase viva na janela, o mesmo relógio torto herdado de uma tia que dizia que o tempo era só uma invenção dos medrosos. Nessa parede, pendurada por um ímã de propaganda de supermercado, está minha fotografia 3x4. A original. Cabelos compridos, olhos de quem queria discutir o mundo e, talvez, amá-lo depois. Era 1975. Eu tinha pressa de viver.

Hoje, vivo devagar. Não por sabedoria, mas por falta de joelho mesmo. Os degraus da vida me ensinaram que a queda dói mais quando a gente já caiu demais.

Lá fora, tudo continua. O vizinho canta bem alto músicas antigas como se o mundo ainda tivesse rádio de pilha. A moça da farmácia me chama de “senhor” com uma delicadeza quase piedosa. O pão da padaria é mais caro, mas ainda é quente. Os pardais ainda disputam farelos nas calçadas. E eu sigo. Com menos pressa, mas com mais olhos.

A juventude é uma coisa engraçada. Na hora, a gente acha que vai durar para sempre. Anda como quem não teme o chão. Fala como quem sabe demais. Acredita no amor como quem acredita em milagre. E quando tudo isso passa, como costuma passar, a gente tenta esconder o estrago nas rugas, nos silêncios, nas repetições.

Mas não pense que me tornei amargo. Longe disso. Só aprendi a tomar o café sem tanto açúcar. Descobri que amar também é aceitar que a vida é feita de muitos dias iguais e que a poesia mora justamente aí, nesse cotidiano maltrapilho que a gente insiste em remendar com afeto.

Conheci Teresa em uma segunda-feira chuvosa. Ela me ofereceu um guarda-chuva emprestado, e eu, com aquela arrogância juvenil, respondi que preferia molhar o corpo a esconder o rosto. Ela riu, como quem já sabia que eu era um tolo. Três anos depois, casamo-nos. Tivemos um filho. Um menino que hoje mora no Canadá e só manda foto pelo WhatsApp. A última foi de um pôr do sol com a legenda: “Lembrei do senhor”.

Teresa morreu cedo demais. Câncer. Lutou com a mesma dignidade com que preparava o almoço de domingo. Desde que se foi, não consigo mais ouvir a voz dela, mas sinto sua presença toda vez que o feijão dá certo. É estranho o que nos sobra de quem amamos: um cheiro, um gosto, um lugar à mesa.

O cotidiano é feito de pequenos naufrágios. Um sonho que não aconteceu. Um amigo que foi ficando longe. Um medo que virou rotina. E, mesmo assim, é dentro dele que nascem os milagres. O riso da neta ao me ver chegar com sorvete. O vizinho que empresta sal sem perguntar nada. A chuva que bate no telhado e me faz lembrar que, apesar de tudo, ainda estou aqui.

Outro dia, reorganizando a estante, encontrei uma velha pasta com letras de músicas que escrevi nos anos 1980. Nenhuma vingou. Mas todas eram sinceras. Havia uma em especial, escrita à mão, em papel amarelado: “Sou mais verdadeiro quando finjo entender a vida do que quando tento explicá-la”. Li e sorri. Reconheci-me na contradição. Hoje, entendo que ser adulto é colecionar dúvidas com certa elegância.

Na praça perto de casa, um rapaz canta Belchior em um violão riscado. “O passado é uma roupa que não nos serve mais”, ele entoia. E eu quase aplaudo. Não por educação, mas por identificação. Vejo-me ali. O mesmo espírito inquieto, a mesma angústia disfarçada de sonho. Penso se ele também tem uma fotografia 3x4 na carteira. daquelas tiradas sem sorrir, mas com a alma em fogo.

Ao lado dele, crianças brincam. Uma senhora distribui ração para os gatos. O guarda

civil espia sem interesse. O mundo gira, mesmo quando a gente não quer. E eu, sentado no banco da praça, olho para tudo como quem agradece por ainda estar vendo.

Meu cotidiano tem cheiro de roupa no varal, som de rádio baixo na cozinha e sabor de café requentado. Não é um roteiro de filme francês, mas é um pedaço do mundo onde ainda cabe ternura.

Hoje, deitei-me mais cedo. A televisão sussurrava um noticiário que parecia repetido. A neta me deu boa noite com um beijo na testa. E eu, sem dizer nada, olhei para a parede da cozinha mais uma vez. A fotografia ainda está lá. Cabelos longos. Ideias curtas. Mas um olhar que, mesmo após tanto tempo, continua perguntando: “E agora, Ernesto, o que você vai fazer?”

A resposta, talvez, esteja no dia seguinte. Na rotina que recomeça. No pão quente, na chuva da tarde, no verso rabiscado. Ou talvez não esteja em lugar nenhum. Talvez viver seja mesmo isso: insistir, recomeçar e guardar no peito o Ernesto de ontem — para que ele continue lembrando ao de hoje que, apesar do cansaço, ainda vale a pena acender a luz da cozinha e preparar o café.

#### Caruanã Guatara

Professor, poeta, músico e escritor, nascido no Rio de Janeiro e forjado na força da Baixada Fluminense. Carrega nas palavras e nos sons as marcas do território que o moldou. Seu nome indígena, Caruanã Guatara, ecoa e corre como um rio. Sua criação é uma ponte entre mundos, memória e futuro. (Instagram: @c.a.r.u.a.n.a)

# A teia que mudou o mundo

por Cilene Cicone

**A** Vó Lucila acordou o bicho do fogão naquele domingo. Parecia que ia cozinhar para um batalhão.

No dia anterior, ela tinha conseguido um monte de doações dos feirantes do bairro, que deixavam itens de lado só para ela retirar no final da feira. Era algo que ela havia conseguido com todo o seu charme irresistível de vovó havia alguns anos e que estava durando muito tempo, graças a Deus! (Como ela mesma dizia.)

Essa missão de cozinhar e depois levar para pessoas em situação de rua, no centrão da cidade de São Paulo, já durava mais de dez anos.

Era um final de semana como outro qualquer, no bairro de Itaquera, na capital de São Paulo. Só não seria um dia como outro qualquer...

Tudo começou quando alguém bateu palmas na sua casa, pedindo um prato de comida. Naquela cena, algo acendeu lá dentro de Vó Lucila, bem aceso mesmo. Era uma época em que a sua família estava passando grande aperto, contando moedas para pagar as contas e sobreviver. E, talvez por isso mesmo, ela se compadeceu daquele rapaz magro demais, com cara de perdido e muito suado. A primeira coisa que passou pela cabeça dela foi que poderia ser ela na porta de alguém. E, ainda, que essa possibilidade não estava longe de se concretizar.

Então, ela perguntou o nome do rapaz e ele lhe disse que era Raul. Ficou surpreso com a pergunta. Ninguém sequer olhava na sua cara fazia muito tempo. Passavam por ele na calçada e quase

tropeçavam. Pulavam e ainda soltavam um palavrão. Estava mais acostumado a não ser ninguém.

Raul ficou ainda mais surpreso quando Vó Lucila também se apresentou para ele e, com seu jeitinho mais do que doce, falou para ele entrar e lavar as suas mãos e o seu rosto, porque para comer ele ia precisar estar limpo.

Ele nem sabia o que dizer. Ficou paralisado, como um boneco inflável, meio que balançando para os lados, decidindo “vou ou não vou, será uma pegadinha?”. Mas Vó Lucila, o que tinha de boa, tinha também de despachada. Foi logo pegando Raul e trazendo ele para dentro do quintal, rindo da sua cara de interrogação.

Esse foi o nascimento de uma grande amizade, que salvou Raul e Vó Lucila.

Fazia uma semana que Raul não comia, sem exagero. Quando muito, bebia uns goles de água que escorria pelas calçadas, de algum vazamento, sabe-se lá...

Raul tinha vindo de uma cidadezinha chamada Bacurau, no Rio Grande do Norte, que tinha mais pedregulho do que gente, de tão pouca que havia lá. Veio para um emprego que não deu em nada e acabou por ficar rodando pela Rodoviária do Tietê, depois de ter feito um monte de baldeação de cidade em cidade até chegar na capital de São Paulo. Um emprego que o Marcondes havia dito que era garantido, que era só ele adiantar cem reais para o “cara dos empregos” providenciar a documentação na empresa. E assim se deu a enganação.

No começo, Raul tentou de tudo. Era ele e uma mochilinha, com o básico do básico e com um orçamento ainda mais básico. Tentou e tentou, até se convencer de que havia sido enganado mesmo. A partir daí, puro desespero. Como poderia falar isso para a sua mãe? De jeito nenhum. Faria tudo o que pudesse para corrigir a situação.

Fez bicos nos botecos na redondeza da rodoviária, que não duraram muito. Ele não tinha onde ficar, então, para conseguir um boteco com adicional de lugar para dormir, não era qualquer um. Mesmo assim foi levando, sempre com esperança. Mas a situação não melhorava nunca. Nada de achar coisa mais permanente. Só exploração. Ele foi ficando cada vez mais desanimado, sujo e rasgado, aí ninguém o queria para empregado mesmo! Nenhum outro fator o lançou ao chão, apenas a sua ingenuidade inicial e o seu orgulho permanente.

Com isso, foi perambulando pela cidade. Entrava em um ônibus e ficava até ser jogado para fora. Foi indo até que chegou no bairro de Itaquera, sem saber como. Naquela semana, parecia que o mundo todo estava com mais pressa do que nunca. Nem um prato de comida apareceu na sua frente. A fome e a desesperança tinham atacado ele de jeito. Ele já estava planejando mil maneiras de dar cabo da sua vida e acabar com aquilo tudo de uma vez. Por algum motivo, ele teve um ímpeto, naquele dia, de bater naquela porta.

Porém, a semana também não tinha sido fácil para Vó Lucila.

A sua vida não era simples, apesar de morar em uma casa que ela tinha herdado dos seus pais, por ser a única filha. Ela havia se casado e tido sete filhos. Tinha um marido preguiçoso, que ficava mais no sofá do que providenciando

o sustento da família. Vó Lucila arregaçou as mangas e caiu no mundo para trabalhar.

Então, aquela era a vida corrida e doída de uma mãe que precisa dar pouca atenção para os filhos, porque cuidar da sobrevivência deles era ainda mais urgente do que dar carinho. Muito cedo, todos eles começaram a ajudá-la no sustento da casa. Até que seu marido morreu. Os filhos cresceram aos tranços e barrancos, foram trazendo seus pares para aquela casa, procriando, enfim, cada um acrescentando um tantinho de complexidade àquela comunidade familiar.

Uns puxaram ao pai e outros se saíram à mãe. Aqueles que trabalhavam era naquilo que aparecia. Só não tinham a preocupação de ficar sem um teto. O resto, davam um jeito.

Mas nem sempre esse jeito era simples. Estavam acostumados com o pulso forte de Vó Lucila, como acabou sendo chamada por todos depois que as gerações se agruparam na casa. E a sua saúde já não era mais a mesma. Estava bem debilitada por tanto esforço na vida. Dores por todo o corpo, um cansaço de matar, o coração por um fio. Mas não podia parar.

Quando Raul finalmente sentou-se à mesa de Vó Lucila para devorar aquele prato de comida mais simples que se possa imaginar, os olhos dela se encheram de lágrimas. Raul, por sua vez, depois das primeiras vinte garfadas que reviveram o seu estômago quase morto, se deu conta de que ela o olhava daquele jeito, como uma avó olha para o seu neto mais querido do mundo!

Vó Lucila devia estar nos seus setenta anos, enquanto Raul não tinha sequer chegado aos vinte. Eram os dois polos da rota de uma vida, pode-se dizer assim: um, louco para começar; outro, louco para terminar.

Quando Raul finalmente deu o fim em dois pratos de comida e dois copos de suco de limão, sob os olhos arregalados e molhados de Vó Lucila, foi que então começaram a conversar. Parecia que se conheciam há um milênio, de tanto assunto.

No final, Vó Lucila falou que ele podia ficar no quarto dos moleques, porque um a mais não fazia nenhuma diferença. Eram bem uns quase cinquenta naquela casa pequenina. Raul não sabia nem o que dizer. Só disse que iria pagá-la com o seu trabalho na casa, fazendo o que fosse preciso, de lavar chão a cozinhar. E que aproveitaria a oportunidade de ouro para procurar e achar um trabalho qualquer que fosse.

Então, ele só conseguiu ficar parado em frente a ela, louco para dar um abraço naquela vó do céu, mas sem coragem, por estar mais sujo do que um esfregão de boteco. Mas Vó Lucila não era de se importar com isso. Arrastou ele para um abraço. O maior e melhor abraço que os dois conseguiriam lembrar pelo resto de suas vidas. Um abraço que significou esperança para os dois. Que significou nova chance de viver. Que significou que o mundo tem amor sim!

#### Cilene Cicone

Nascida na capital de São Paulo, Cilene é casada e mãe de um rapaz. Graduada em Administração de Empresas, pós-graduada e com diversas especializações, por cerca de quarenta anos, atuou na área de projetos, no mercado financeiro. Há quase trinta anos, explora filosofias e religiões. (Instagram: @cileneccicone)

Dáí em diante, Raul e Vó Lucila fizeram o milagre da transformação em tudo o que tocaram. Pode-se dizer que era uma verdadeira teia de vida. Um puxava o outro, que puxava outro, que puxava outro e assim por diante.

Nos finais de semana, faziam aquela comida cheia de amor e iam distribuir para as pessoas em situação de rua. Diziam que era “amor em forma de marmitas”. Davam muito mais do que alimento. Junto, havia bastante conversa e atenção. Olho no olho e aperto de mão, para que essas pessoas tivessem a certeza de que existiam. Iam sempre no mesmo local, para formar laços. E formavam. Belos laços que envolviam os corações.

Muita gente que os via começou a se interessar pela ação e começou a ajudar. Cada um da sua forma, como e com o que podia. E essas pessoas falavam dessa experiência com seus amigos e familiares, que se animavam e começavam a fazer coisas semelhantes. Além disso, as empresas nas quais trabalhavam ficavam sabendo e se animavam também. Começavam a fazer coisas semelhantes.

E essa teia ficou tão forte e imensa que acabou por mudar o mundo todo!

Mas tudo começou com a simples teia da Vó Lucila e do Raul.

# A receita que nunca fizemos

por *Eloísa F. Santos*

**A** campainha tocava sempre às 18h02. Nem antes, nem depois. Era o horário exato em que Gabriel aparecia para o nosso ritual sagrado: cozinhar juntos, rir das nossas falhas na cozinha e fingir que tudo era só amizade.

Éramos melhores amigos desde os tempos de faculdade. Dividimos provas, ônibus, cafés e confissões. E agora, dividíamos também os silêncios cheios de significados. Ele dizia que era por carinho. Eu fingia que acreditava.

Meu apartamento era pequeno, mas ele dizia que gostava do cheiro de tempero que grudava nas paredes. Sempre trazia algo — uma erva nova, uma receita improvável ou um vinho barato. Eu trazia o coração na mão, mas disfarçava com sarcasmo.

Às vezes, o toque da campainha parecia mais um lembrete de que o amor não correspondido também pode ser pontual. Ele aparecia como se fosse só mais uma parte do dia, como se o que havia entre nós não fosse uma espécie de segredo que ninguém tinha coragem de nomear.

Naquela terça-feira, choveu. Na quarta, ele chegou molhado, com um bolo que não deu certo e um sorriso que doía. Disse que um dia ia abrir um restaurante. Eu disse que só ia se eu fosse a sócia. Ele riu. Eu quase chorei.

Na sexta, ficamos no sofá. Vimos filmes ruins e falamos sobre pessoas que não importavam. Ele me olhou como quem quer dizer algo, mas não pode. Eu abaixei os olhos. Não podíamos estragar tudo. Era amizade demais para arriscar. Ou era covardia?

A pior parte de amar em silêncio é quando o outro começa a contar seus amores. Gabriel falava de encontros fracassados com garotas que não sabiam cozinhar, não sabiam ouvir. Eu fingia rir, mas sentia cada palavra como uma colherada de sal demais na comida.

Uma vez, ele adormeceu no sofá. Fiquei olhando seu rosto como se procurasse um sinal, uma frase escondida nos traços, algo que dissesse: “Fica. Me ama também”. Mas ele só respirava, tranquilo, alheio.

O problema de amar seu melhor amigo é que você sabe demais. Sabe os medos, os traumas, os defeitos. E mesmo assim, ama. Talvez por isso mesmo.

No mês do meu aniversário, ele trouxe flores.

— Amarelas. Amizade, né? — disse. Eu sorri. Mas queria vermelhas.

Naquela noite, entre risos e queijos, entre o vinho barato e os olhos dele demorando nos meus, quase aconteceu. Quase. Mas ele desviou.

Como sempre. Como se meu amor fosse um semáforo que só ele enxergasse vermelho.

Na semana seguinte, ele viajou. Disse que precisava “espairecer”. Levou uma mochila, meu livro preferido e meu coração embrulhado em palavras não ditas. Continuamos amigos. Pelo menos, no papel.

Fiquei ali, naquele apartamento que ainda cheirava a jasmim e saudade. Cozinhei só para mim. Cortei cebolas com raiva. Coloquei dois pratos na mesa por hábito. Só um foi usado.

Alguns amores não precisam de beijo para doer. Precisam apenas de uma receita que nunca se tenta. E toda vez que corto cebola sozinha, ainda espero o toque da campainha às 18h02.

Talvez um dia ele volte. Talvez traga flores vermelhas. Ou talvez apenas a receita que nunca fizemos juntos. E, ainda assim, eu a saberei de cor.



Foto de Odiseo Castrejon na Unsplash

## **Eloísa F. Santos**

Baiana de coração e alma, carrega em si a força serena de quem aprendeu desde cedo a valorizar os pequenos gestos. Criada em uma infância humilde, mas rica em afeto, descobriu na leitura um abrigo e um universo de possibilidades. Em suas palavras, traz a sensibilidade de quem observa o cotidiano com olhos poéticos e transforma o simples em extraordinário. Escreve para tocar, lembrar e, sobretudo, sentir.



# Pequenas missões diárias

por Jean Javarini

Às 6h42 da manhã, o despertador tocou pela terceira vez. Marcelo não ouviu. Quer dizer, o corpo dele reagiu: revirou-se na cama, emitiu um resmungo cavernoso e puxou o cobertor até o nariz, como quem tentava se esconder do mundo. O cérebro, porém, seguia em modo avião.

Às 6h47, um grito ecoou da cozinha:

— MARCELO! Acorda, menino! Vai perder o ônibus!

A mãe. A ameaça definitiva.

Ele sentou-se na cama, olhos semicerrados, cabelos no estilo “explosão de travesseiro”. Primeira missão do dia: checar o celular. Notificações: três mensagens no grupo da escola (“Prova de história adiada”, “Alguém tem o resumo?”, “O crush da sala cortou o cabelo!”), duas do jogo que ele nunca desinstalava e um lembrete de beber água.

Marcelo ignorou todas.

Arrastou-se até o banheiro como um zumbi com preguiça. Lá, enfrentou as primeiras tarefas de higiene: ir ao banheiro, escovar os dentes e tomar um longo, filosófico e gelado banho, porque o gás tinha acabado no sábado e ninguém se dignou a resolver o problema.

De volta ao quarto, ele encarou o armário como se esperasse que a roupa pulasse sozinha para fora. Depois de três bocejos e uma camisa caída no chão, conseguiu vestir-se com algo vagamente aceitável.

Na cozinha, um banquete o aguardava: um pão murcho com requeijão e um café ralo. Ainda

assim, devorou tudo com entusiasmo — comer era, afinal, um dos poucos prazeres garantidos da vida escolar.

Antes de sair, esbarrou no pai, que lia o jornal impresso como se fosse um artefato sagrado.

— Bom dia, garoto — disse o pai, sem tirar os olhos da manchete.

— Bom dia — respondeu Marcelo, num tom que mais parecia um pedido de socorro disfarçado de cumprimento.

Na escola, o cotidiano era uma sequência de aulas, bocejos e mais notificações ignoradas. Mas naquele dia, algo extraordinário aconteceu: na hora do intervalo, sentou-se perto de Júlia — sim, a Júlia — e ela puxou assunto sobre um vídeo que ele também tinha visto na noite anterior.

— Aquela parte que ele cai da escada é genial, né? — disse ela, rindo.

Marcelo riu também, um pouco atrasado, tentando parecer natural. “Era isso”, pensou. Sua missão de segunda-feira estava cumprida. Já podia voltar para casa, declarar vitória e assistir TV até o sono vencer.

Às 22h11, deitado na cama, depois de mais um *scroll* infinito nas redes sociais e quatro vídeos seguidos sobre “5 maneiras de domar sua ansiedade escolar”, ele finalmente se entregou ao melhor momento do dia: dormir.

Missão cumprida.

Por enquanto.

Na penumbra do quarto, Marcelo fechava lentamente os olhos. O celular escorregava da

mão quando vibrou mais uma vez. Ele o agarrou no reflexo. Era Júlia: “Amanhã tem apresentação de geografia, lembra? Me salva se eu travar, tá?” — seguido de um emoji risonho e um *gif* de um gato fazendo joinha.

Marcelo ficou parado por dois segundos, com o coração acelerado como se tivesse corrido uma maratona dentro do peito. Era só uma mensagem boba. Ou não. Talvez fosse um código secreto, um pedido de aliança ou uma deixa para algo mais.

Ele respondeu, depois de apagar e reescrever três vezes: “Claro! Pode contar comigo.” Releu a mensagem dez vezes antes de apertar “enviar”. E então, assistiu ao ponto final como se fosse o fim de uma novela.

Deitou-se de novo. Agora sim, em paz. O travesseiro parecia mais macio. O teto do quarto, menos indiferente. Sentiu-se mais leve, como se a segunda-feira não tivesse sido tão cruel assim.

Antes de dormir, lembrou-se do alarme para o dia seguinte e o ajustou com dedos sonolentos. Colocou o celular no modo avião, mas não antes de ver, com um meio sorriso, que havia mais uma notificação, um lembrete do aplicativo de saúde: “Hora de beber água!” Ele riu. Levantou-se só para cumprir o protocolo da saúde moderna, deu uns goles rápidos da garrafinha na escrivaninha e voltou para a cama.

## Jean Javarini

Nascido em Colatina, ES, atuou como tutor de administração. Hoje, é professor de matemática e coordenador escolar, bem como pós-graduado em Gestão Escolar e escritor com textos em várias antologias. Reside em Linhares e se destaca por sua dedicação ao ensino e paixão pela escrita. (Instagram: @professorjeanjavarini)

No silêncio do quarto, sussurrou para si mesmo: — Segunda-feira: 1. Marcelo: também 1.

A missão impossível estava cumprida. Até a próxima.

Na manhã seguinte, o despertador tocou e ele não ouviu de novo.

No fim das contas, a vida era isso mesmo: um amontoado de pequenos gestos que pareciam sem importância, mas que, juntos, formavam um dia inteiro — e, com sorte, uma boa história. Escovar os dentes, tomar banho, comer, ir ao banheiro, vestir-se, beber água, assistir TV... atos simples, repetidos, quase automáticos, mas que sustentam a existência como colunas invisíveis de um templo chamado rotina. No meio disso tudo, bastava uma mensagem inesperada, um olhar trocado no corredor ou um riso dividido para transformar o banal em memorável.

Marcelo talvez ainda não soubesse, mas cada segunda-feira era uma nova chance de se encontrar nesses detalhes. O extraordinário, afinal, não estava longe: morava discretamente no ordinário. E, entre um vídeo engraçado, um cumprimento distraído e um atraso para a aula, a vida seguia — simples, engraçada, absurda e, às vezes, surpreendentemente bonita.

Porque no fundo, viver é isso: repetir gestos, mas sempre com a chance de sentir algo novo. E quem aprende a ver beleza no comum nunca terá um dia desperdiçado.

# Por que parou?

por *Leonardo Fernandes*

A história que será contada a seguir, infelizmente, pertence ao cotidiano de São Paulo.

Certamente, pouco ou quase nada se fala das dezenas de milhares de pessoas que escolhem os trilhos como palco do último ato de suas vidas.

Salienta-se que não existe glamourização do suicídio, tampouco do sofrimento alheio. A intenção do autor se resume a retratar uma infeliz realidade.

A você, usuário de transporte público, paulistano ou turista, que já ouviu o famoso “O trem/metrô parou por problemas na via. Seguiremos viagem em instantes”, sinto muito lhe dizer, mas alguém não vai mais. E você foi testemunha.

A passos apressados, uma multidão marchava rumo às catracas. Estamos em São Miguel Paulista, em julho e em horário de pico. Em instantes, uma massa de corpos se aglutina em cada metro quadrado da plataforma. Muitos sequer notam o limite da linha amarela. Um passo em falso poderia lhe custar a vida.

Portas automáticas e barreiras de segurança ainda são um sonho distante na linha esmeralda. Notadamente atrasados em tecnologia, o máximo de conforto que se pode encontrar nas locomotivas do extremo leste é o ar condicionado, ora sim, ora não, a depender do maquinário liberado.

Nesse mundaréu de gente, de tudo se observa. Estudantes, trabalhadores, ambulantes, policiais, malandros, gringos e por aí vai. A despeito das diferenças, um ponto firme os conecta: a impaciência. Ouse você, leitor, se colocar na frente de uma manada de pessoas brutas e atrasadas e será pisoteado sem piedade.

Eis que no horizonte, a locomotiva despontava, arrastando-os mais ainda para o ponto de embarque. O empurra empurra não cessou nem mesmo depois de se abrirem as portas.

Um Deus nos acuda! Cada qual procurando um lugar sequer ou qualquer brecha para se enfiar. Até os *gentlemen* perdiam a postura. É impressionante como a natureza animalesca do homem pode vir à tona com um simples abrir e fechar de portas.

Todos devidamente amassados, prosseguia o trem com a sua missão.

Era o encontro dos cheirosos com os fedidos, dos tagarelas com os introvertidos, dos malandros com os trabalhadores. Uma verdadeira sardinha.

Para os desprovidos de fones de ouvidos ou qualquer distração, restava apenas se intrometer na conversa alheia de algum escandaloso que, pasmem, sempre hão de existir em qualquer viagem.

Difícil era notar um semblante feliz ou sereno ao longo da viagem, sobretudo com os ambulantes transitando para lá e para cá, berrando no pé do ouvido de qualquer azarado que a canela de velho ou qualquer guloseima de procedência duvidosa era apenas R\$ 5,00 reais.

Nesse dia em que esta história se passa, fazia muito sol. Os raios da manhã penetravam as janelas e preenchiam o ambiente. Só assim para trazer luz para um povo tão sofrido.

Tudo se encaminhava em harmonia, se não fosse uma parada brusca do vagão. O chocalhão da massa de corpos se comprimindo rendia alguns xingamentos e princípios de brigas.

Passado o atrito, uma voz eletrônica anunciava: “Paramos em virtude de obstrução na via. Prosseguiremos em instantes”. Infelizmente, os instantes mencionados pelo maquinista certamente já custaram o trabalho de alguém ou, pelo menos, um puxão de orelha daquele chefe alienado que vai para a empresa de carro.

Por outro lado, parte da cultura paulista de se atrasar tinha lá a sua parcela de culpa. Em suma, uma escalada de problemas caóticos. “Putaque o pariu, de novo?”, ouvia-se cá. “Caralho, que lixo de trem”, ouvia-se lá. Cada passageiro tinha o seu culpado e a razão de o ser.

O pequeno intervalo não durou menos que cinco minutos. E logo estava a sua locomotiva em marcha, cumprindo a sua sagrada função diária.

Entretanto, naquele percurso, a mesma parada havia sido deflagrada uma estação antes de São Miguel Paulista, ou seja, aproximadamente dez minutos de atraso, considerando as duas pausas.

Ora, veja você, nobre leitor, quanto de impacto existe em dez minutos de atraso na vida do trabalhador comum? Pelas razões dadas, muitas! Principalmente para um povo que vive com a corda no pescoço e não tem tempo a perder.

Naquela simples manhã de atrasos, duas pessoas também tomaram o transporte público, mas por outras razões. Em dez minutos, João Carlos e Alberto Farias foram decepados pelas rodas da locomotiva.

O primeiro pulou no Jardim Helena, bem em cima da entrada do trem na plataforma. Não deu chance alguma do maquinista frear a tempo. O segundo entrou na linha através de um buraco

nas paredes laterais. Deitou na ferrovia e esperou o alçoz de lata.

O breu da manhã vendou totalmente a figura esguia de Alberto. Dele, só restou a memória do pulinho que o carro deu, como quem passa por uma pedra de pequeno porte. Seu corpo, completamente triturado, foi percebido pelo maquinista seguinte que, assustado, puxou o freio de uma vez, bruscamente.

Conforme seguissem o procedimento, os operários da CPTM recolhiam os restos mortais do pobre coitado com rapidez, para não prejudicar o contingente de pessoas no êxodo para o centro da cidade.

Retornando, assim, para o interior abafado dos vagões. Completamente vencidos pela exaustão de reclamar, salvo um pisão no pé ali e cotoveladas aqui, todos permaneciam silenciosos.

Foi o ligar da máquina que assanhou o coração das massas. Entre urras e glórias a Deus, a voz do maquinista, completamente apática, destacava que o trem seguiria mais uma viagem.



Foto de Heron Rossato na Unsplash

## Leonardo Fernandes Landim

É natural de São Paulo, SP. Escrever nunca foi somente um hobby ou uma inspiração artística, mas sim uma forma de sobrevivência.

# A primeira experiência humana de prazer que não seria agradável

por *Osmar Benefício*

**E**stávamos em um hotel. Em frente à praia. Duas camas de casal, edredons agradáveis e cheirosos, as peças eram todas brancas, o ar condicionado estava ligado, luzes apagadas. Alguém transava.

Não era eu. Montava-me, apertando os meus ombros, jogando os cabelos em meu rosto, asoprei alguns fios da boca, sentia um cheiro nem um pouco familiar surgir no ar, tal era o cheiro de sexo. Apertava-me mais, minha cabeça ia mais para dentro das almofadas. O corpo que balançava para frente e para trás parece insaciável, desesperada, e eu agarro e faço o que posso, meto como achava que deveria meter, agarrando sua cintura e levantando a minha como se quisesse espetar o ar acima.

Mas não havia ar, entrava bem fundo na bucceta quente, eu achava que faltava algo, deveria estar sentindo alguma coisa. Fingindo ou não, ela fazia sons de quem parecia estar gostando e, além disso, escorria dentro, subindo e descendo cada vez mais fácil. Devia ser bom. Para mim, era até que agradável, mas não grandes coisas, realmente, sentia que faltava...

Encontrei as palavras enquanto me movia

mecanicamente para encontrar os seus ritmos. Ah, sim. Faltava prazer. Não era isso que estava sentindo. O deslizar no interior da sua carne me provocava um conforto e um calor nunca experienciado, mas era isso? Na duração da corrida imóvel por mais pares a povoar a terra, por mais lutas e ofícios, por mais desejo e com sêmen escorrido, não deveria o homem sentir algo? Ou melhor, não há sêmen! Não acaba a luta, uma atividade que não cessa, fica horas, até o amanhecer. Nada do gozar.

Do mesmo jeito que eu suspeitava de algo estranho, ela deve ter gozado em algum momento, virou-se para mim e perguntou se eu estava bem, se havia tomado algo. Olhou-me por um bom tempo. Foi ao banheiro se limpar. Voltou para a cama. Já era de manhã. Perguntou-me se era normal eu não gozar.

Como haveria de saber? Era a minha primeira vez. Contudo, por que contar? Menti e disse que sim. Ela pareceu machucada. Disse que iria me fazer gozar. Fiquei me perguntando por qual motivo. Já estava bom. Sexo não era aquilo que eu imaginara. Era desinteressante e metódico, em vários momentos eu fiquei

cansado. E não montei nela ou fiz qualquer movimento. Apenas me estirei na cama igual uma tábua. Meu coração disparava e morria quando eu tentava algum esforço. E, além disso, não via sentido em me esforçar por algo que não me daria prazer algum.

Sexo, eu anotei naquela noite, não é agradável e nem desagradável. Poderia muito bem ter nunca experimentado e estaria muito melhor ainda com a ilusão de que algo incrível me esperava. Sexo, eu anotei, é mais trabalhoso do que prazeroso. Lembrei-me dela por cima, peitos colados em mim, carne apertada em meus braços, arfando e suando, cabelos no ar. Sexo, eu pontuei mais uma vez, é lindo. Tem mais a ver com o outro do que conosco. E está tudo bem.

Sexo é conexão.

Eu não me sentiria terrivelmente sozinho.

Para ela, não esteve tudo bem que eu não gozasse. Na noite posterior, mais uma vez tentamos. Nada. E a demora de sempre. O suor de seus braços em minha pele, seu pescoço e meus lábios contra ela, tentava me beijar, eu sentia vergonha, não sabia retribuir. O solavanco de trás para cima, os olhos negros tentando me encontrar, a boca gemendo o ar em notas de dor, mas que não pareciam ruins. Tremia em meus braços. Eu, de novo estirado, sem muito ares de habilidade ou destreza, fingia-me de confortável, mas no sexo eu ficava em puro silêncio, não sabia o que dizer, ela saiu de cima, me olhou com as sobrancelhas entortadas.

— Você não está gozando.

— Não.

Com uma expressão meio incerta, demora para perguntar:

— Sou eu?

Como poderia? Para mim, ela era a garota mais bonita que eu já tinha visto. “Que pergunta estúpida”, pensei. E respondi que não e ela perguntou, então, por quê eu não gozava com ela. A conversa foi na direção que se espera quando uma mulher quer se sentir, bem, uma mulher. E mesmo as prostitutas que fingem adorar serem vistas como produtos, todas elas, sem exceção, preferem ser vistas como mulheres. Fazem coisas que não cabem às suas profissões só para serem vistas um pouco.

Por isso, ela decidiu tirar a camisinha — os sentimentos falam mais alto. Perguntou-me se eu havia ficado com outras sem. Acho que aquelas perguntas continuaram por educação, pela farsa de manter o orgulho masculino, pois não seria óbvio que eu era completamente virgem?

Mas ela sabia. Não iria se arriscar se não soubesse.

Ou talvez fosse tudo ou nada, só para sentir e ver um homem submisso desejando ela. Afinal, o que uma garota de programa diz que não vai fazer, acaba sendo exatamente o que ela irá fazer. “Não transamos sem camisinha.”

Bem, espero que eu tenha sido o único cara de todas essas centenas então.

— Você vai gozar agora — prometeu-me ela, sorrindo com todos os dentes. — Mas tira antes. Tá bom?

Subiu em mim. Encaixou-se. A sensação era completamente diferente. Ela colou seu corpo mais para perto do meu e sussurrou no meu ouvido:

— Avise quando for gozar.

Não avisei.

E ela pareceu extremamente satisfeita.

Não sou canalha por não avisar, somente o gozo não me fez sentir nada. Tanto que ela tirou as pernas do meu redor e, pelo estado, muito tempo depois, seus sulcos e os meus já estavam misturados fazia tempo, e ela me perguntou como eu não tinha sentido e eu respondi:

— Eu não sei.

Estava me sentindo decepcionado e triste, e um pouco culpado, e com medo, mas ela me tranquilizou. Disse que estava tudo bem, quer dizer, não foi certo, mas tomaria as pílulas.

Não sei se acreditou sobre eu não sentir. Eu ter

gozado parecia ser o suficiente, quase ficava radiante, um rosto moreno a iluminar o quarto escuro.

Vendo aquele sorriso, pensando sobre a ordem de não gozar dentro, percebendo que ela quisera trazer essa imagem à tona para a minha mente antes do sexo, fiz-me puxar da memória todas as reações de psicologia reversa em minha família, algo que eu estava acostumado, melhor do que as reações passivo-agressivas. Abri uma chave do mundo, chave esta que iria me impulsionar a fazer várias vezes o oposto do que as mulheres dizem, obstinadas e, assim, acertar em cheio o que elas realmente querem.

Tudo estava na voz. No sorriso.

“Eu gosto desse jogo”, pensei.

Estava começando a compreender mais as mulheres.

#### Osmar Benefício

É um jovem telemarketing, com dívidas até o pescoço, que vez ou outra possui delírios de ganhar algo com a escrita. Tem 23 anos, fuma dois maços por dia, namora uma puta, a calvície o atingiu faz anos e contempla a solidão com um misto de tristeza e alívio. Afinal, humanos lhe dão medo.



## O cabelo da minha mãe

por Roger Luiz Jerônimo

O secador de cabelo zumbia às 7h, quase como se fosse uma sina: toda manhã, aquele som afirmava que o dia começava, que minha mãe ainda estava ali, em pé, cuidando de si mesma, de nós. Ela se vestia com pressa, o cabelo seco e bem penteado, e eu a observava, enquanto tomava o café amargo que ela dizia ser a melhor maneira de começar o dia.

Agora, o silêncio do secador é um alarde. Não há pressa, não há barulho. A casa está mais quieta, mais vazia. Às vezes, eu me pego escutando o som do relógio de parede — ele sempre foi um alicerce no nosso dia, e agora parece que ele grita mais do que antes. Mamãe parou de usar o secador, parou de fazer o café forte que eu tanto gostava. A casa, como ela, se tornava mais silenciosa a cada dia. Aos poucos, ela foi se transformando, e eu, com ela.

Na cozinha, as panelas estão mais vazias, e os quadros na parede, que antes eram fonte de conversas cotidianas, agora parecem apenas decorativos, como se esperassem um tempo melhor para serem novamente observados. A casa, que um dia foi cheia de movimento e risos, agora ecoa um silêncio profundo e ponderado. Os móveis, que mamãe escolheu com tanto carinho, continuam a ocupar seu espaço, mas já não carregam a mesma energia de antes. A velhice dela é refletida em cada canto, como se o tempo estivesse deixando marcas invisíveis no ambiente.

Na segunda-feira cinzenta, mamãe pediu ajuda para um novo gesto: lavar o cabelo. Não era mais sobre higiene, mas sobre o simbolismo do ato. A água morna que escorria pelos seus fios parecia carregar toda a fragilidade humana. Ela se sentou no banquinho do banheiro, ainda com o lenço sobre os ombros, e me olhou, com os olhos quase fechados.

— Está quente, filho?

Assenti com a garganta seca, sem saber o que dizer. A água que caía parecia suavizar, mas também revelar. As mãos que uma vez cuidaram de mim agora me pediam cuidado. Eu lavava seus fios, mas, ao mesmo tempo, estava lavando algo mais profundo: a nossa história.

Enquanto a água escorria, meu pensamento voltava a um momento da infância. Lembrei-me de quando ela me penteava antes da escola, com uma calma que parecia eterna. A mesma calma com que me acalmava quando eu me machucava ou quando os medos da noite me assombravam. Agora, seus dedos não eram mais os mesmos. As mãos, antes firmes e confiantes, agora tremiam levemente, tocando os fios como se temessem danificar o que restava. Mas, ao mesmo tempo, cada movimento parecia um gesto de resistência, um lembrete de que ela ainda era capaz, ainda estava ali, lutando contra o tempo.

A água era um elo entre o passado e o presente. E no momento em que os fios caíam, eu percebia que a fragilidade não estava apenas

nela, mas também em mim. O tempo estava me transformando, assim como ela. Não éramos mais os mesmos.

Naquela manhã de sábado, ela me pediu para raspar a cabeça. O cabelo dela estava tão frágil que, mais do que o desconforto, era um peso a ser retirado. Não era mais sobre vaidade, mas sobre a necessidade de deixar para trás o que estava perdendo seu valor. A máquina de cortar cabelo, que era guardada como um objeto sagrado, agora parecia uma arma. O som do motor, o zumbido que invadia o ambiente, me fazia sentir como se estivesse tirando algo de definitivo dela.

Ela se sentou em frente ao espelho do quarto, com as mãos firmes, como se tivesse se preparado para um rito. Não era apenas a cabeça que eu raspava, mas todo o futuro dela — como se cortássemos o tempo, tirássemos algo que não poderia mais ser recuperado.

Enquanto a lâmina roçava sua pele, uma pontada de culpa me invadiu. Não só pela ação em si, mas pela incapacidade de impedir que o tempo continuasse seu curso. Havia um desconforto profundo em mim, como se estivéssemos tirando algo que deveria ser preservado. Eu estava tentando proteger algo que estava além da minha capacidade de controlar.

Quando terminei, ela me olhou nos olhos e sorriu, mas não era um sorriso comum. Era como se ela estivesse me dizendo que, mesmo sem cabelo, ela ainda era ela mesma. Com a mesma leveza com que tirava as mechas do meu cabelo na infância, agora ela deixava que eu o fizesse com ela.

Ela pegou o lenço azul, o que sempre usou nos dias de feira, e o colocou com a mesma delicadeza com que arrumava a mesa para o almoço. O lenço virou uma metáfora. Era a forma

dela se reconstruir, de se transformar em algo novo, que não tinha medo de perder. O lenço azul agora simbolizava não só sua resistência, mas também sua aceitação diante do que estava por vir.

No consultório da clínica, vi um menino mais velho, talvez da minha idade, ajeitando o lenço da mãe. Eles estavam em silêncio, mas a conexão era clara, como um pacto silencioso de que aquilo era algo que só eles podiam entender. Eu olhei para eles e, por um instante, me vi neles. A solidão não era só minha. A fragilidade da vida era compartilhada.

Olhei para a janela do consultório e vi a vida lá fora, pessoas indo e vindo, tão alheias ao que estávamos vivendo. Mas, dentro daquele espaço, o tempo parecia ter outro ritmo. As conversas, as risadas, os medos — tudo parecia mais intenso, mais urgente. A solidão que eu sentia não era só minha, mas de todos que passavam por aquilo. E, naquele momento, percebi que o sofrimento, embora tão individual, tinha algo de coletivo, algo que unia a todos que, de alguma forma, conviviam com a dor da perda.

— Você está bem? — perguntou-me ela, interrompendo meu pensamento.

Eu assenti. Tentei sorrir. Mas o vazio da sala, a espera da quimioterapia, tudo aquilo era mais profundo do que qualquer palavra. Não havia o que dizer. Era apenas viver aquele momento.

Ela me mostrou, mais tarde, as mensagens de um grupo de amigas que lutavam contra a mesma doença. Elas se chamavam de “Flores Fortes”. Havia algo ali, nas palavras que trocavam, que me fazia acreditar que, talvez, o sofrimento fosse uma linguagem comum para aqueles que realmente sabiam o que era amar alguém profundamente.

Em casa, ela voltou a colocar o rádio para tocar, mas agora as músicas eram outras. Ela dançava, com os pés descalços, como se cada passo fosse uma afirmação de que, mesmo na fragilidade, havia força. Eu a observava enquanto ela se movia pela cozinha, a batida suave da música a preenchendo.

Enquanto isso, eu lavei sua cabeça de novo, com a mesma água morna. Os fios estavam mais ralos, porém a suavidade da água parecia querer prender ali o que ela havia sido. Era um gesto pequeno, mas profundo. Era mais do que limpar o corpo. Era restaurar a essência dela, que permanecia apesar das quedas, das ausências.

Quando terminei, ela me olhou e disse:

— Agora você me entende. Não pelo que eu perdi, mas pelo que eu ainda sou.

Naquele momento, percebi que o verdadeiro significado do cuidado não estava em reparar, mas em compreender a beleza das coisas que se transformam. Cada fio caído, cada passo dado, trazia algo novo. E, no fundo, é isso que nos torna humanos: a capacidade de amar, de cuidar, de ver beleza no que está desmoronando.

#### RoyLocoPoeta

Escreve poemas desde a adolescência. Em 2023, lançou seu primeiro livro de poesia intitulado *Um Convite à Poesia*, pela editora Opera Editorial. Atualmente, está com seu segundo livro de poesia pronto para futura publicação, intitulado *No Bailar das Letras*. Além de escrever poemas, começou a rascunhar alguns contos e está na fase de início de produção de um romance, chamado *Conheci Deus*. (instagram: @jeronimorogerluiz)



Foto de Element5 Digital/ Pexels

# A cada manhã

por *Wilson Roberto Theodoro Filho*

A cada manhã, de segunda a sábado, eu tomo o mesmo ônibus das 6h para ir trabalhar. Quase sempre dá tempo de chegar no horário certinho. O ritual diário é sempre o mesmo: acordar às 5h, tomar banho, preparar o café da manhã, trocar de roupa rápido e correr para a parada. Ainda bem que não tinha risco de o ônibus chegar adiantado. Esse tipo de coisa não passava de lenda urbana. Subo as escadinhas e lá está sempre o mesmo cobrador, um senhorzinho já mais velho, de olhar simpático, que sempre usa uma boina azul entortada para a esquerda. Fica engraçado, porque a cor não combina com o uniforme laranja da empresa. Entrego a ele uma nota de cinco reais, na noite anterior, eu sempre separo uma para isso, e recebo uma moedinha de cinquenta centavos de troco. Aceno com a cabeça em agradecimento, ele acena de volta, e caminho cinco fileiras ônibus adentro até meu assento cativo. Minha casa fica quase no começo da linha, então meu lugar está sempre vago. Aí eu tento ver alguma coisa no celular durante o caminho, mas o ônibus sacode muito e fico com dor de cabeça. Aquieto, guardo o aparelho e vou pensar na vida. A cada manhã, é todo dia assim.

Até que ontem o cobrador não estava lá. Em seu lugar, havia uma moça bem novinha, toda sorridente, com uma imensa etiqueta de "Aprendiz" colada abaixo do ombro direito. Ela foi logo me dando bom dia e pediu, se desse, para que eu facilitasse o troco. Dei a nota de cinco reais de sempre, não me pareceu que

ela tenha gostado muito, não, se embananou toda até achar duas moedas de vinte e cinco centavos. O senhor sempre me devolvia uma moeda de cinquenta centavos. Fui me sentar perplexo, sem entender nada. Senti uma tontura, uma falta de ar. Mas me recompus rápido, que besteira a minha era essa, ainda que, nesse dia, nem tenha tentado olhar para o celular. Fiquei focado em planejar o dia de trabalho que logo se iniciaria, que era o melhor que eu fazia.

Só que no dia seguinte lá estava a moça de novo, e nada do cobrador. Ela nunca mais sorriu para mim desde o primeiro troco. Comecei a me preocupar. O que poderia ter acontecido com ele? Estaria doente? Teria sofrido um acidente?



Foto de Mitchell Johnson na Unsplash

Eu não tinha a quem perguntar. Nunca prestei atenção no motorista, não sabia se era sempre o mesmo ou não e certamente não seria a jovem aprendiz que eu perguntaria sobre quem... ela tomara o lugar? Seria isso: a demissão da força de trabalho idosa, vista como descartável, e sua substituição por criaturas adolescentes que aceitam receber salários menores e não têm ideia do que signifique um direito trabalhista?

Devo admitir que no terceiro dia de ausência fiquei incomodado. Será que ele pegou Covid-19? Ou, pior ainda, essa tal de Mpox, doença feia que está dando o que falar e, de acordo com os jornais, já espalhou por todo o país? Ou talvez ele tenha sentido um mal-estar ao descer do ônibus no final de sua jornada e caído de cabeça no meio-fio, por cima de algum passageiro indiferente que nem tentou ajudá-lo a se levantar, apesar do grosso filete de sangue que escorria de sua testa? Que espécie de tragédia teria ocorrido com meu colega diário de viagem? Não, não, tentei me acalmar, não posso

sair tirando conclusões precipitadas assim.

Mas o mês que se seguiu foi um suplício. A cada dia que o senhor não aparecia, o trajeto até o trabalho era um confabular febril de hipóteses escabrosas. A jovenzinha que pegava meu dinheiro tornava tudo pior, aquele olhar de quem sabia de algo, mas não iria me contar e ainda por cima não gostava de mim. Ela e suas malditas moedinhas de vinte e cinco centavos. Esqueci dela, pensei no que podia ter acontecido com quem realmente importava. Era muito provável que ele houvesse sido assassinado durante um assalto, todos sabem que os idosos são alvos preferenciais dos meliantes. O que eu acho mesmo, entretanto, é que ele foi confundido com um chefe do tráfico e erroneamente baleado pela polícia. Afinal, aquela calma, o comportamento cândido, a boina, tudo parecia sinais evidentes de sua autoridade criminosa. Duzentos tiros de fuzil, seu corpo velho todo cravejado, esparramando litros de sangue em uma viela escura. Talvez ele esteja nesse exato momento em uma cama de hospital, entre a vida e a morte, agarrando-se a essa existência por um fiapo de sua força de vontade.

Lá para a vigésima manhã, eu não conseguia mais nem acertar a cadeira na qual sentava, tive a certeza que ele havia sido espancado por radicais que se congregavam via redes sociais, provocados pela posição em que o pobrezinho sempre mantinha sua boina, em verdadeiro ultraje ao grupo. Completamente quebrado, os ossos moídos, as carnes macetadas de tanta pancada, sem parentes, sem ter a quem recorrer, ele deveria estar agonizando sabe lá Deus onde, já que o largaram em algum terreno baldio qualquer. Mas isso me pareceu muito comum e logo deixei de lado esse caminho de investigação. A ideia de uma abdução noturna, na calada vazia

da escuridão solitária, foi ganhando cada vez mais força. Só podia ser isso. Meu amigo havia sido levado por alienígenas semi-humanoides e, quem sabe, nesse mesmo instante, estivesse conhecendo as maravilhas longínquas de galáxias infinitas, a uma velocidade que nosso desgastado ônibus jamais alcançaria.

Então, na trigésima primeira alvorada, a cobradorinha insuportável sumira e, sentado como se nunca houvesse saído dali, lá estava o senhor de laranja com sua boina azul e seu ar pacífico. Eu quis sorrir, mentira, quis abraçá-lo, mas fiquei quieto, igual a como sempre agira, e apenas acenei a cabeça quando recebi minha gloriosa moeda de cinquenta centavos. Como sentira falta dessa moeda! Então, sentei-me aliviado em minha cadeira cativa e, finalmente, pude descansar. Quase cochilei, embalado pelo ritmo tranquilo dos buracos das ruas.

**Wilson Roberto Theodoro Filho**

É professor universitário na Faculdade de Direito da Universidade de Brasília. No campo literário, tem publicado as obras *A Escrita de Deus* e *Ceridwen*.

No final de semana seguinte, fingindo que sorria, comentei essa história toda com meu pai. Tinha esperança de ainda conseguir encontrar uma explicação aceitável para o desaparecimento do homem. Eu respeitava meu pai, era um homem experiente da vida. Ele deu uma risada cruel e, em tom professoral, disse-me:

— Ah, moleque, você ponha essa sua cabeça no lugar. O coitado do cobrador estava era de férias, não vê?

De fato, meu pai tinha toda a razão. Sorri com ele, para encerrar o assunto ali. Mas quem, nos dias de hoje, tira trinta dias de férias de uma vez? Bom, um senhor que ainda usa boina, é claro.

Um pouco entristecido, na viagem seguinte, após receber meu troco, concluí que, a cada manhã, antes do trabalho, estou passando tempo demais no mesmo ônibus de sempre...



# Cotidiano

por *Íris Ladislau*

No centro da cidade, especialmente cidades grandes, o mais comum é o barulho. Conversas, tráfego, buzina, vendedores ambulantes, amigos papeando, colegas brigando, arranques, freadas, a sacola sacolejando ao sabor do tique-taque do tamanco. O verão crispando o asfalto maltratado é como a chapa da frigideira ardendo os ovos para o almoço. Ao que escrevo, uma sirene ulula pela janela, ainda pode-se ouvir pássaros gorjeando contra o tropel urbano. O som dos meus dedos no teclado marca o tempo como o ponteiro do meu relógio de pulso. O som da vida cotidiana.

Uma moto passa, um carro branco está virando de cabeça para baixo no acostamento, uma operária está sentada na calçada com a cabeça sangrando, uma aposentada deu partida no carro durante um mal súbito e atropelou uma transeunte que morreu antes dela. O café está pronto na copa, a pauta está vazia na mesa, a chuva se arma atrás do azul, o sol existe fora dos ônibus de 19 °C. *Pi pi pi*, faz a catraca. *Br brr brrr*, faz o mendigo na calçada. *Trrrrrrr*, faz minha cabeça ao som da britadeira.

*Boom.*

“Proteja a cabeça”, disse o meu cérebro.

*Boom. Boom.*

Correndo às enormes vidraças, ajuntou-se a plateia. “Fogo! Fogo!” Gritam. O que é mais um caos na tarde trabalhista? “O homem está pegando fogo!” Cheguei à janela só para vê-lo disparando a correr nu e uma última explosão no buraco que pegava fogo.

*Boom.*

Seu traje de operário queimou por horas no passeio em frente à escola infantil. Seu colega de trabalho foi escoltado para o lado oposto da avenida, sentado no meio fio, com as pernas pretas, pretíssimas. “São as meias”, “são suas pernas”, “é queimadura”. Era queimadura. E a visão do homem de meia idade correndo em disparada, com sua roupa soltando fumaça no chão, não sei por que, ficou na minha cabeça, como se ele ainda estivesse correndo. Primeiro, chegou um engravatado, laceando o local com uma faixa amarela. Pensei que só o veria nos jornais. Depois, chegou a viatura da polícia. Chegaram. Uma. Duas. Três? “Pera, tem mais uma ali? Quatro?” Chegaram os bombeiros. Depois de um tempo, a ambulância. O trânsito voltou ao normal após cerca de duas horas.

Durante dias, acompanhei as notícias. Vários jornais, municipais, estaduais, nacionais,

noticiaram o acidente. Em cima da obra da prefeitura, grandes placas de “Proibido escavar”. “Atingiram um cabeamento raso de luz.” Mas e o homem? “A explosão foi causada por um choque de quase 14 mil volts.” E o homem? “Ele foi intubado.” “Não tinham ordem de serviço.” “Era uma empresa terceirizada.” “Era pra ser uma obra cotidiana, de dois dias.” “É mentira que acertaram o gasoduto logo abaixo do cabeamento, senão teria explodido o quarteirão inteiro.” Mas e o homem?

Durante dias, acompanhei as notícias. Foram quatro vítimas, das quais duas eram graves. A lembrança do choque passou. Mas eu continuava acompanhando as notícias, vendo as datas passando. “Há cinco horas.” “Há dois dias.” “Há uma semana.” Mas e o homem?

A última informação que tive foi por meio da minha colega de trabalho, que ouviu da recepcionista, que ouviu da faxineira, que ele estava correndo risco de vida no hospital.

O acidente vai completar um mês. A obra foi concluída.

Mas e o homem? Deus, e o homem?



Foto de Andrei Castanha na Unsplash

## Íris Ladislau

Íris Ladislau (1994, MG) é escritora, poeta e editora. Publicou, entre outros, os livros *Sonho Violeta* (publicação independente), *Calamidade: o anseio* (Litteralux/Selo Auroras), *Réquiem ou O sopro de Vênus* (Urutau) e *Eu não sou a protetora das coisas frágeis* (Litteralux/Selo Auroras). (Instagram: @irisladislau)

# No íntimo do dia

por *Joaquim Cesário de Mello*

O dia, mais um dia, amanhece, e eu estou dentro dele.

Os ruídos miúdos da casa e o barulho das ruas acordadas fazem-me saber que ainda estou vivo.

Saio dos sonhos noturnos, sem me lembrar deles, para buscar meus desejos diurnos. Às vezes, pergunto-me para onde vão os sonhos sonhados, deixados nas franhas amarrotadas dos travesseiros? Se um dia eu não mais amanhecer, quero ir para o cemitério dos meus sonhos evaporados.

Mas o dia continua, e ele tem a pressa dos relógios. Caminhar no interior de um dia é sempre para mim um desafio, espanto, assombro e deslumbramento. Não há dia em que não sinta o pulsar da vida além das artérias.

Nenhum dia é igual ao outro. Os dias só são iguais para a Terra, o Sol e o Universo. Se um dia parecer como um dia já apareceu, tem alguma coisa de errado. Porém, os dias estão sempre certos: amanhecem, entardecem e anoitecem. Se algo não está pertinente ao incerto que a vida é, sou eu e minhas repetidas rotinas que não me deixam enxergar o outro lado; cheirar o inesperado; saborear todos seus doces, azedos, amargos e salgados; escutar o até então

inaudível e tatear pelos entremeios das invisíveis frestas do cotidiano.

Há dias que são azuis, como os dos sonetos de Carlos Pena Filho. Outros, verdes, violetas ou amarelos. Há dias rosados. Há dias acinzentados. Há dias até que passam em branco. Tem dias mais bordôs do que outros, alguns são amarelo-arroxeados, tendo dia que é tão preto que dele não se enxerga nada. Quando mais jovem, eu gostava dos dias esquentados, vermelhos, amarelos e muitos alaranjados. Porém, o tempo dos agitos, dos açodamentos, das avidezes e dos afobamentos são tempos velozes e inquietos, impregnados de ansiedades, formigamentos, frenesis e sobressaltos. Eles hoje são os dias que em parte me fizeram e que trago neste labiríntico amálgama chamado memória.

Prefiro os dias beges, mesmo que sejam dias quentes, chuvosos, friorentos ou até mentolados. Não é fora de quem sou que vivo o dia. É no meu interior, às vezes confuso, às vezes sereno, outras vezes pacificado, que o dia lá fora se infiltra em mim, e aqui dentro é que ele se faz. O dia é o momento da vida. E é no agora, dos vários agoras do dia, que quero sorvê-lo sem a inquietação dos agonizados.

Assim como o poeta Antônio Machado, vou passear pelo dia como se pisasse no mar. Das pegadas que deixo na superfície líquida das águas, vou trazendo a sensação molhada de que ela me dá.

Tenho pena dos distraídos e dos desatentos. Não sabem eles que a vida está no oxigênio que se respira, no passar vagaroso das nuvens, no pausar descansado do dia à tarde, no recolher do sol ao seu quarto e no acender das estrelas que o céu sem azul revela.

E quando esse dia terminar, vou voltar para os meus sonhos esquecidos nos travesseiros — quem sabe algum deles ainda esteja por lá.



Foto: Helder Sato/ Pexels

## Joaquim Cesário de Mello

É psicólogo e professor universitário. Como escritor, participou de várias antologias no Brasil e no exterior e publicou os livros *Dialética Terapeuta* (2003), *A Alma Humana* (2018), *A Psicologia nos Ditados Populares* (2020), *A Vida Como Um Espanto* (2022), *No Cemitério das Nuvens* (2022), *Memórias do Esquecimento* (2023) e *Versos Achados por Aí* (2024).



# Inevitável

por *L. S. Costa*

Quando o telefone toca, existe um contato que tememos ver na tela. É sentir a antecipação corroendo a boca do estômago. Uma mensagem, menos formal, não colocaria tanta tensão no seu coração. Seria até preferível digerir a notícia em palavras.

Esse contato é guardião de uma informação inevitável, daquela que faz o arrepio correr pela coluna. Algumas vezes, estamos aguardando que finalmente a notícia chegue. Dói mais ao ser inesperado.

Prendo a respiração quando o primeiro alô chega, meu nome sussurrado em uma voz insegura, uma pergunta. Quando respondo que sim, vem o anúncio. Silêncio. Meu nome outra vez, enquanto ainda não pude digerir o que escutei. “Estou aqui”, sempre respondo, “ainda estou aqui”. Quando é repentino, o mundo colapsa mais rápido, o choro verte sem pudor.

Na espera dos dias, meses, anos talvez, antecipa-se a dor ante a contemplação. Cada sorriso e abraço é regozijo para a alma. Até a ligação: será dessa vez? Não foi, um suspiro aliviado. Um dia será. Mas quando será?

Ninguém sabe, somente vemos os sinais de que se aproximam.

Fiz uma ligação assim, certa vez, a uma lista de tios, primas e amigos que precisavam ser contatados. Escuto a negação, implorando pela risada, pela piada. Não há riso agora. O desespero, sim, chega galopante, esmagando o peito. Fiz a ligação, quebrei a alma em tantos pedaços, chorei com cada voz diferente. Dar a notícia é tão difícil quanto recebê-la. Serás eternamente responsável por aquilo que rompes, parafraseando. E a notícia esmigalha dos dois lados da linha. O rosto vermelho, o grito inconsolável na beira da pista.

É na voz que vive o calor da vida, afastado do mundo de letras sobre telas brilhantes. Quem ainda liga? A nova geração pergunta, se vê que nunca receberam ou fizeram a chamada. Chamamos para conectar, para dizer de coração palavras que não queremos ouvir, para tremer e chorar com o que escutamos.

As telas frias são para as notícias distantes, daqueles com quem pouco convivemos, é para a dor em um binóculo. Claro, alguém sofre e

lamenta. Não nós, que devemos apenas o apreço da memória. Ainda é triste, ainda sensibiliza, até correm lágrimas, mas é uma sensação fracionada pelo tamanho do carinho que sentimos. Quanto mais próximo, maior é o sentimento. Necessita-se a voz, a portadora de emoções.

Imagino o tempo em que a notícia viajava lentamente pelo mundo, sacolejando em uma bolsa de carteiro. A dor nascendo tão depois do acontecimento, tão longe de sua origem. O agora nos permite passar pela dor em unísono. Agradeço ao menos pela companhia. Como será o futuro, muito depois da minha chamada? Deixo a resposta para a ficção científica.

Se vivemos, respire e comprove, para aproveitar cada dia. De ouvidos atentos, espero. Há sempre o que esperar, até mesmo quando não há. Sempre alerta, não esqueço.

Viver é o que existe entre o nascer e a espera de receber, de fazer ou de ser o motivo da ligação.



Foto de [nguyen quan](#) na Unsplash

## L. S. Costa

Nascida e criada em Itaboraí, Rio de Janeiro. Formada em Museologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sonha em viver da sua imaginação, mesclando suas experiências de vida e seus sentimentos aos textos que cria. (Instagram: [@venuspaleolitica](#))

# Na minha cidade

por *Magali Romboli*

É comum ouvir nativos e migrantes despejarem uma lista enorme de adjetivos, que enfatizam os seus porquês de serem todas, todos e todes paulistanos. Lúdico é notar que essa relação oscila do amor ao ódio, da satisfação à inveja, já que sua linha tênue depende do que cada um carrega no bolso.

Estudo, trabalho, bebedeira, comilança, farra de todo tipo, sofisticação estética, depravação, semanadas, noitadas, pedalo, corrida, feira e shopping de rua, rolezinho até de madrugada. Acesso a todo tipo de penduricalho. Do marreteiro da 25 ao glamour do alto luxo. Em São Paulo, é possível ser chique em Itaquera ou morador de rua na avenida Angélica.

Com mais de 8 milhões de adultos, maiores de 16 anos, arrisco afirmar que a maioria absoluta não sabe sequer o significado do próprio nome, quem dirá do nome do lugar onde vive.

Sendo assim, vale recorrer àquela paixão à primeira vista, posto que amor requer intimidade. Começamos então pelas apresentações e falemos do nome mágico dessa megalópole, que reúne diversos em um único

código genético. Paulo foi uma metamorfose ambulante, trocou seu nome de nascimento sem ajuda da numerologia, criou a maior rede social para um cara que ele não conhecia, compartilhou tudo o que descobriu em treze cartas e em três grandes viagens, levou o cristianismo para o mundo; imagine se ele tivesse um Twitter, um Insta ou WhatsApp, teria cristão até em Marte.

Saulo, que virou Paulo, sendo ele mesmo depois de transformado, não era Raul, mas foi por certo, em essência, um completo maluco beleza. São Paulo foi o primeiro amor da minha vida, mesmo sendo palmeirense. Admiro gente sem papas na língua, sendo ele educado. Deu altas duras em gente morna e preguiçosa, porque não dá para mudar as coisas sem muito trabalho, e de tantas que falou, conquistou dias intermináveis atrás das grades, onde viveu seus grandes momentos, mesmo sem escutar Roberto Carlos.

Ele acreditou sem ver; isso é fé e bem diferente dos políticos. Sem salário, propina ou empréstimo do BNDES, ergueu uma obra monumental, não um castelo de papel. O mais incrível

é que mesmo que tenha nascido na Cilícia, atual Turquia, crescido em Jerusalém e todo mundo acreditar que ele era romano, ficou conhecido por ser de Tarso<sup>1</sup>.

Tem algum cara mais São Paulo que o apóstolo Paulo? Por isso tudo, não é que fique fácil esquecer os altos impostos, mas é possível viver um sonho mesmo estando preso ao trabalho, porque há quem consiga ser *on the road* no dia do seu aniversário. Todos oriundos ou não já incorporaram o jeitão de ser e viver um bom combate. Como tudo tem seu preço, Paulo perdeu a cabeça, mas quem não a perde por tentar viver nesse lugar?

#ame São Paulo

## Magali Romboli

Jornalista, professora e pesquisadora. Atuou por mais de quinze anos contando as histórias de artistas em instituições como o MAC/USP e a Galeria de Arte André, além de escrever para jornais e revistas especializadas. É autora dos quatro volumes do *Anuário Brasileiro de Artes Plásticas*. De 2005 a 2011, dirigiu campanhas do Programa Ressoar, da Record TV, com foco na comunicação como ferramenta educativa. Entre 2013 e 2015, liderou a comunicação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Desde 2015, é assessora de comunicação da UNINOVE e dedica-se à pesquisa em Educação Popular e Culturas. Desde 2023, publica crônicas no Jornal GGN, acreditando na força das palavras como sementes de transformação. Em 2024, tornou-se também professora da rede estadual de ensino. (Instagram: @naminhacidade)

<sup>1</sup> À época de Saulo, Tarso era uma cidade universitária e, desde que passou a existir São Paulo, é uma cidade educadora.

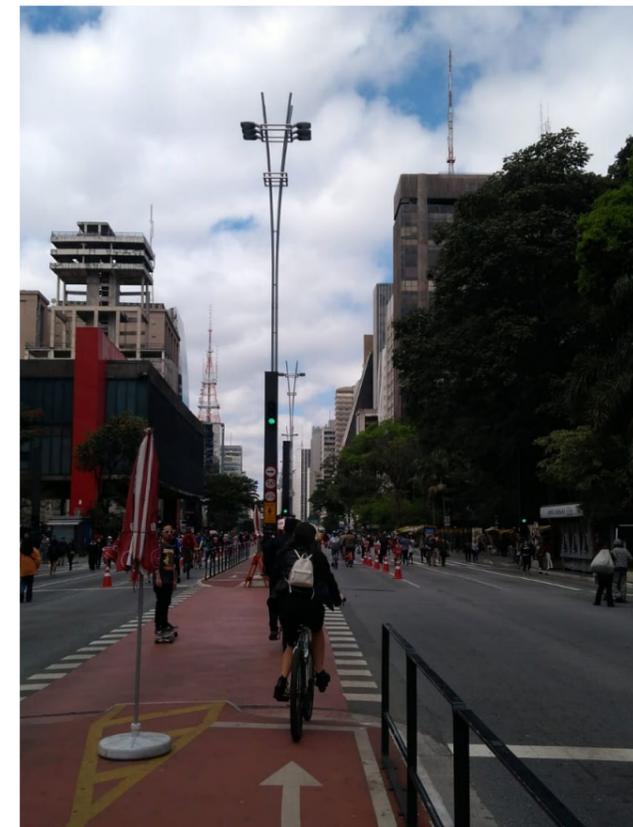


Foto: Maria Carolina Rodrigues

# Ônibus

por *Rosana Elizabet Schumacher*

A cidade desperta, sigo pela rua a passos largos, já que hoje estou sem carro. Meu olfato alimenta a imaginação: pão quente e café fresco. Sinto falta de mesa, de família.

Um caminhão barulhento estaciona e garis acrobatas, com meias três quartos, saltam e sobem novamente entre uma coleta e outra. Um jornalista apressado pilota a moto e atira o jornal na varanda da casa rosa. Chego ao ponto daquele que irá me conduzir até o outro extremo da cidade. Cumprimento o grupo de pessoas e tenho dúvida se me faço visível.

Em instantes, o imponente Mercedes-Benz chega e causa alvoroço. Com sorte, embarco e, sem conseguir avançar, agarro com força o veículo voador, enquanto minha mente acaba de trazer a lembrança de alguns acontecimentos: a colega de trabalho que sofreu um acidente naquela mesma linha. O motorista irresponsável provocou uma freada brusca que luxou o joelho da coitada, deixando-a com a língua partida e o canino na mão.

Aproveito a breve parada; antes que o motorista pise novamente no acelerador, avanço pelo corredor. Seguro a mochila que leva parte da minha rotina e fico admirada com o equilíbrio da galera que consegue se acomodar ao sacolejar desenfreado do veículo, enquanto eu mal

consigo atingir a roleta. Agora, sinto um hálito quente no meu rosto e ganho meu primeiro bom dia. As horas passam... Muitos falam ao celular, um homem lê um livro e uma jovem retoca a maquiagem enquanto eu me preparo para saltar em direção ao meu trabalho.

No final da tarde, após cansativa jornada, novamente cumpro meu papel de passageira. Tento me equilibrar dentro da cápsula metálica que faz o caminho inverso e, a cada parada, permite que mais e mais pessoas embarquem. O veículo, prestes a explodir, também carrega cestas básicas, que ganham novos formatos a toda freada. Marmitas vazias exalam cheiro azedo, e, sem opção, eu levito. Na esperança de respirar ar puro, tento alcançar a janela e, agora, tenho certeza de que aqui não cabe a lei da física: dois corpos ocupam, sim, o mesmo lugar no espaço.

Um homem levanta o braço para dar passagem a uma velhinha, meu olfato acusa que o perfume perdeu sua validade. Observo que ali laços são estreitados e que a mocinha troca palavras melosas com o cobrador.

Uma moça com o bumbum avantajado entra. Levo uma cotovelada na costela e, antes de esboçar um gemido, meu dedinho é amassado pelo salto da altíssima Anabela.

Sem cerimônia, a beldade se acomoda no mínimo espaço que resta entre o banco que eu ocupo. A moça chupa um sorvete e tem fones nos ouvidos, mas o volume da música é tão alto que não há como impedir que todos os passageiros compartilhem de sua trilha sonora. Um homem aproveita a situação para encoxar a popozuda.

A felicidade toma conta da minha alma quando avisto o anjo dourado que toca trombeta no alto da abóbada do templo santo. Meu coração sente o cheiro de verde e sei que meu lar está próximo. É estranho estar só, ainda que entre tantas pessoas, como se eu fosse uma ilha em um mar de rostos desconhecidos. A solidão, mesmo rodeada de corpos, sempre se faz presente. Despeço-me da tarde, a noite chega e traz o frio presente. Desembarco do veículo e me perco na escuridão. A lotação prossegue com meus desconhecidos colegas.



Foto de Melloo na Unsplash

## Rosana Schumacher

Natural do Mato Grosso do Sul e residente em Campinas, SP, é apaixonada pelas palavras. Escreve para atravessar os limites do invisível e tocar o simbólico, transitando entre o real e o fantástico. Acredita que contar histórias é um caminho de libertação e encontro. (Facebook:rosana.schumacher.2025)

# O fim da tal liberdade

por *Thais Castilho*

No início, a memória começou a falhar, mas não deu atenção aos pequenos esquecimentos.

O jornal que lia diariamente amontoava-se sobre a mesa da sala de visitas. Ler que é bom, não conseguia mais. Trocava os sapatos ao sair, vestia roupas pelo avesso, tomava remédios sem controle e parou de dirigir. Então, vieram os tremores que se intensificaram dia após dia. E por fim, chegou a má notícia. Estava com Parkinson e demência. Claro que se abateu ainda mais, porém, já que foi forte até ali, seguiria assim até o fim.

As saídas começaram a ser monitoradas. Era um perigo deixá-lo sair sozinho, poderia se perder pelo caminho. No bolso da camisa, a mulher resolveu colocar um papelzinho com sua identificação pessoal. Em caso de emergência, o papel falaria por ele.

Um belo dia, rompeu com a ordem recém estabelecida de sair de casa só se estivesse acompanhado. Abriu o portão e saiu para resolver seus “problemas” sem falar nada com ninguém.

Nessa época, a demência já estava avançada e seus pensamentos confusos já refletiam em sua fala embolada que parecia não ter pé nem cabeça. O caminhar já era

arrastado e os tremores visíveis, mesmo que ele andasse com as mãos no bolso, tentando disfarçar o Parkinson.

Rumou para o centro da cidade e pegou um ônibus para a cidade vizinha onde cresceu. Encontrou amigos que notaram o estado avançado da doença, mas o corre-corre do dia a dia os impediu de entrar em contato com a família para informar onde ele estava.

Ele pegou o ônibus de volta e ao descer na rodoviária, foi “engolido” pela passeata dos trabalhadores que reivindicavam seus direitos bem no coração do centro da cidade. As pessoas se embaralhavam à sua frente, confundiam sua vista e sua mente. O barulho era ensurdecedor e ele se sentia perdido em um labirinto, tentando encontrar a saída para retornar para casa.

Os familiares há muito tempo tinham sentido sua ausência e estavam à sua busca. Depois de algumas horas, a polícia finalmente o encontrou com o papelzinho na mão e ligou para a família. O papelzinho de identificação tinha cumprido sua função de levá-lo para casa novamente.

Foi a última aventura dele.

A vigilância sobre ele foi redobrada. No portão, passaram um cadeado além da chave.

Mas um dia, por ironia do destino, caiu no banheiro de sua casa e nunca mais voltou a andar. Passou a depender da cadeira de rodas para tudo. A vida era praticamente da cama para a cadeira de rodas. E ainda que a fisioterapeuta o visitasse com regularidade, os exercícios não conseguiram o colocar de pé novamente. O Parkinson e a demência encontraram a porta aberta para avançar.

Se ele soubesse disso, talvez tivesse escondido o papelzinho de identificação por mais tempo no bolso. Iria zanzar no meio da multidão por mais tempo. Não iria se importar com o barulho, com os rostos que não conhecia ou com o medo de não conseguir voltar para casa. Se despediria de sua liberdade com mais poesia.

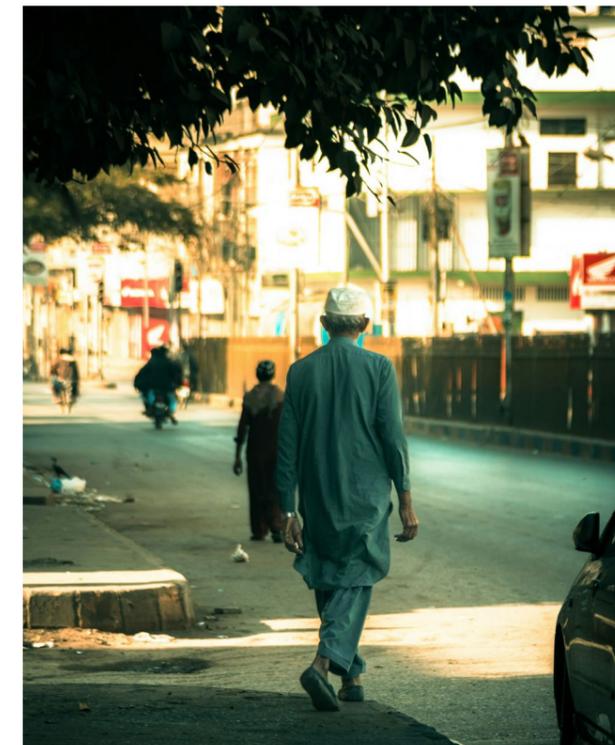


Foto de Muhammad Wasif na Unsplash

## Thais Castilho

Thais Castilho tem a escrita como *hobby*. Gosta de escrever crônicas e contos curtos inspirados em fatos reais. (Instagram: @castilho2044)



# Nunca mais aprendi a voltar para casa

por *Yuri Vieira*

Certos caminhos do dia viram ato automático. Um costume do corpo antes mesmo que a mente consiga acompanhar. Como se os pés já soubessem para onde ir, mesmo quando o resto do corpo ainda está tentando entender o que está fazendo. Voltar para casa é um dos verbos mais cotidianos e, talvez por isso, um dos mais perigosos.

Um dia, voltando do trabalho — o mesmo caminho, os mesmos semáforos, as mesmas buzinas impacientes —, o seguinte pensamento me atravessou: estou voltando para casa.

Mais um dia voltando para casa.

Casa. Palavra dura, de som breve e direto, mas carregada de significados que escapam quando tentamos segurar. Não tão doce quanto “lar”, é verdade, mas igualmente importante. Minha casa, ao que tudo indica, ainda não é meu lar. Não por falta de conforto. Ela é acolhedora, limpa, organizada, tem seu valor e recebe o meu apreço. Mas me falta o pertencimento. Essa palavra que, se fosse um lugar, eu não saberia como descrever.

Enquanto desviava de uma moto apresada na rua, veio-me a percepção de que não sabia mais quando havia sido a última vez que

me senti em casa. Talvez nunca tenha sentido. Ou talvez o sentimento tenha se desfeito sem que eu percebesse.

Nasci em uma cidade com praia, dessas que parecem abençoadas pelo vento. Mas, aos quatro meses de vida, fui arrancado dali e plantado em uma cidade pequena, que por anos achei ser o meu lugar. Era o meu lugar. Cenário onde muito de mim aconteceu: a infância, os tombos, os amores errados, os cafés mornos e os medos miúdos. Anos depois, já adulto, mudei-me para uma cidade infinitamente maior, também com praia. O mar sempre me chamando.

Realizei muito do que quis na nova cidade, agora sozinho. E ainda assim, não me sentia em casa. As pessoas estavam sempre indo, sempre ocupadas, sempre correndo. É difícil plantar uma vida nova do zero. Tem que dar tempo para criar raízes.

Pouco mais de um ano depois, voltei para visitar a cidade da infância. Esperei que ela me recebesse como um colo. Mas não fui abraçado. Fui apenas visitado. O lugar era o mesmo, mas pelo visto eu já não era.

Reconheci as esquinas, os cheiros, os barulhos das janelas se abrindo de manhã. Senti gratidão,

até uma ternura comovida. Mas já não me cabia mais ali. O meu espaço havia sumido.

E então veio o desespero: de onde sou, afinal?

De onde sou se não há chão que me reconheça? Se o passado é uma casa que ficou pequena e o presente parece um endereço provisório? Em que momento a gente se sente em casa? Quando chega e se despede de si mesmo com a mesma roupa? Perguntava-me se o lar não era apenas a promessa de que haveria alguém esperando. Mas e quando o que nos espera é apenas nós mesmos?

Talvez seja na exaustão que a casa mais pareça lar. O teto que acolhe, o chuveiro que esquenta, a cama que amolece o mundo. Mas esses são momentos de alívio, não de pertencimento. Há diferença.

Foi então que levantei o rosto, já quase atravessando a última rua antes do meu prédio, e olhei para o céu. Finalzinho de tarde. Aquelas nuvens que se despenteiam de propósito. Cores sobrepostas que nenhuma paleta humana saberia nomear com precisão. Um laranja queimado, um roxo tímido e um azul que talvez fosse

celeste ou cerúleo. Entendi porque tanta gente acredita em Deus ou em qualquer outra força superior. Algumas belezas são grandes demais para não nos colocarmos na conta do divino.

O sol me tocava com gentileza. E, por um segundo, o barulho da rua, antes uma cacofonia agressiva, se transformou em trilha sonora. Como se estivesse em um filme que só eu protagonizava. Um filme secreto, que ninguém podia assistir. Nem eu. Porque estava ocupando o papel principal no momento.

Talvez lar esteja nesses instantes de suspensão. No céu que muda, na luz que toca a pele, no sentir-se vivo apesar de tudo. Apesar de tudo. Talvez minha casa não tenha paredes, mas comece no horizonte de boas memórias como aquela. Talvez o que busco não seja um lar fixo, mas uma possibilidade de me pertencer de vez em quando. Ali, eu pertenci.

Talvez ainda não tenha encontrado minha casa. E tudo bem. Isso significa que ela ainda pode existir em algum lugar. Ou em tantos. Talvez meu lar esteja a um céu alaranjado de distância. E, por ora, não preciso mais me achar.

## Yuri Vieira

escritor e comunicador nascido em Natal, RN e residente em Fortaleza, CE. Escreve desde que se entende por gente e atualmente publica em sua newsletter *Agora Já Foi*, no Substack, onde compartilha crônicas para ler no finalzinho da tarde. (Instagram: @oiyuriv)



Reprodução

# Brutalidades cotidianas por Ana Paula Maia

por Soraya Viana

A roteirista carioca Ana Paula Maia é mestre em criar cenas dinâmicas, verossímeis e viscerais. Seu terceiro livro, *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (Ed. Record, 2009), contém dois textos curtos: a novela-título e “O trabalho sujo dos outros”.

Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos mostra a rotina de Edgar Wilson e Gerson, amigos que trabalham em um abatedouro e, nas horas vagas, apostam em rinhas de cães. Apesar da premissa clara, só ao iniciar a leitura nos damos conta da brutalidade

rotineira na vida dos personagens. Além do trabalho braçal exercido pelos protagonistas e da aridez cotidiana que os cerca, a obra nos apresenta crueldade com animais, problemas graves de saúde, assassinatos e outros atos de violência extrema.

Em uma das primeiras cenas, Gerson, em crise renal, pede ao irmão, Pedro, que o substitua no matadouro. As cenas chocantes da atuação de Pedro (e as consequências dela) são capazes de causar mal estar físico. Os acontecimentos seguintes estão longe de ser leves, mas, pelo menos para mim, foram toleráveis. Assim, prossegui até o fim da primeira história, que, por representar a perpetuação da perversidade humana, só posso descrever como “um mal necessário”. O companheirismo entre Edgar e Gerson é o único alívio em meio a tanta barbaridade e o fator humanizante deles aos olhos do leitor.

A segunda novela chama-se “O trabalho sujo dos outros”. Ela revela o cotidiano de Erasmo Wagner, um coletor de lixo que, por passar seus dias lidando com resíduos humanos, sonha em não deixar descendência ou quaisquer vestígios quando morrer. Seu círculo familiar inclui os primos Alandelon e Erivardes, um quebrador de asfalto e

um desentupidor de esgotos, respectivamente. A rotina profissional dos personagens escancara a realidade desagradável dos dejetos produzidos por nós, humanos, e a selvageria da desigualdade social. A narrativa nos mostra um retrato da hierarquização da sociedade brasileira e do consumismo em que imergimos.

Ambas as tramas despertam asco e revolta, mas também e, acima de tudo, reflexão. As histórias de *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* nos lembram que todos, independente de recursos financeiros, local de moradia e sofrimento particular, somos feitos de carne, ossos, músculos e secreções. Portanto, temos as mesmas necessidades básicas e responsabilidades pessoais. Não há ilusão de longevidade física, espiritual, artística ou mercadológica que possa mudar esses fatos.

Por seu caráter realista e contundente, recomendo a literatura de Ana Paula Maia para todos os brasileiros adultos.

“Ambas as tramas despertam asco e revolta, mas também e, acima de tudo, reflexão.”



Reprodução

Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos  
Autor: Ana Paula Maia  
Editora: Record  
Ano: 2009  
Páginas: 160

**Soraya Viana**

Paulistana, graduada em Letras Português-Inglês, é tradutora, revisora de textos e *teacher* desde 2005. Acima de tudo, é uma leitora apaixonada. Colabora com a Revista Navalhista (<https://revistaonavalhista.com/>) e escreve a newsletter Vivo entre Livros no Substack. (Instagram: @soraya.teacher)

# Alto-falante

## Entrevista

### Fábio Gusmão



Sou Fábio Gusmão, jornalista há trinta anos, formado pela Universidade Gama Filho. Após minha formação, fiz MBA na Coppead – UFRJ. Também escrevo, tenho dois livros publicados e um que fui *ghostwriter*.

Minha formação é na área de polícia e segurança pública do Rio de Janeiro. Há 27 anos, comecei no jornal Extra; nessa trajetória, ganhei alguns prêmios no jornalismo, como o ESSO de Reportagem. Quando comecei como repórter, o jornal não tinha esse nome, era o projeto Jpop (Jornal Popular da Infoglobo). Atualmente, sou editor-executivo do Extra.

por Luisa Lins e Maria Carolina Rodrigues

**LUIA E MARIA CAROLINA: Qual foi o feeling jornalístico para que você enxergasse um potencial nessa matéria?**

**FÁBIO:** Eu achei bacana quando tive acesso à história da dona Joana. Na época (que isso ocorreu), ela ainda não tinha esse nome. Me chamou atenção o que ela tinha feito, filmado os traficantes da Ladeira dos Tabajaras com uma câmera comprada de forma parcelada.

No Rio de Janeiro, infelizmente, a violência é comum. Por isso, quando entramos em uma delegacia e temos acesso a um material com imagens de bandidos armados com pistolas ou

armas pequenas, não nos surpreende. Nesse caso da dona Joana, o que sobressaiu para mim foi o áudio que ouvi. Ali, eu entendi que tinha uma matéria.

Eu já estava com quase dez anos de profissão, então eu já tinha visto bastante coisa. Por conta disso, agradeço à minha intuição para insistir (em fazer a matéria), porque isso poderia ter me afastado da história da dona Joana. Portanto, eu sempre coloco como um ponto de atenção (esse “instinto”), principalmente para quem gosta de contar história, porque às vezes a grande história não se apresenta na forma magnífica

“...isso me trouxe o *insight* que eu estava com a história da minha vida.”

como a gente imagina, montada em um cavalo branco.

Logo, (essa matéria) veio da insistência de primeiro pegar o material completo e ter a paciência de levar para casa e assistir. É importante fazer isso porque nem sempre, em uma rotina de redação, você vai parar (tudo) e falar para o editor “Deixa eu ver”, então tem que fazer com calma. Foi ali que, ao colocar a fita e aumentar o volume, entendi que aquela narração da dona Joana era muito mais que uma denúncia contra o tráfico. A história de fato estava da janela para dentro, e perceber isso só foi possível porque eu completei um processo: de ter dedicado um tempo e colocado a escuta para aquilo, ou seja, me impregnar da história. Me arrebatou quando eu escutei (todo o material) e isso me trouxe o insight que eu estava com a história da minha vida.

**LUIA E MARIA CAROLINA: Como você falou quem sempre em uma redação dá para priorizar tudo, queremos saber sobre esse processo. Você tinha outras pautas do dia a dia, como conseguiu fazer as pessoas entenderem que essa pauta era prioridade?**

**FÁBIO:** O tempo de profissão que eu tenho me facilitou um pouco com a história que eu tinha ido formar. Eu não sei se com um ano de profissão teria o mesmo ímpeto.

Quando eu apresentei a história, todo mundo sabia que era algo grande. Não

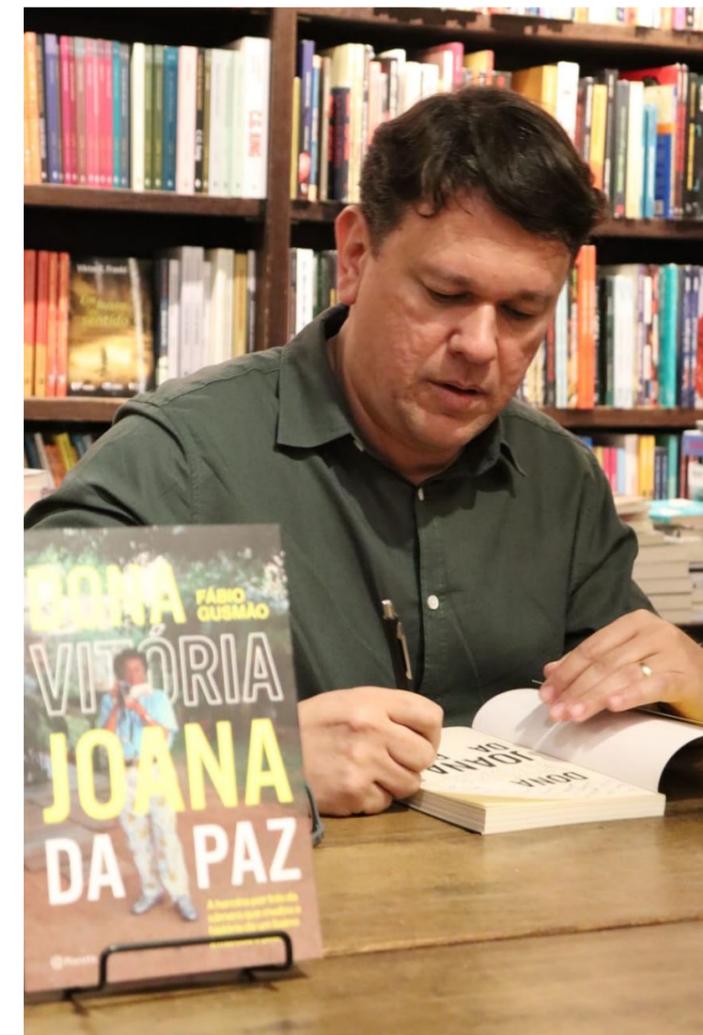


Foto: Stella Daudt

tem como você olhar para isso tudo e não entender que está diante de mais do que um furo; é a história que todo jornalista queria ter contado.

O interesse maior é do repórter, porque o editor tem outros afazeres, tem equipe, tem o todo para administrar, então ele não fica focado em uma coisa. Ele pode ter um ponto de atenção, mas não vai viver aquilo. Já você (o repórter),

dentro da sua rotina de entrega, tem que se organizar, uma vez que você entende que tal pauta é a grande história da sua vida, ou seja, tem que conciliar as outras coisas com a matéria. E foi o que eu fui fazendo. Eu sabia que não ia ter dedicação exclusiva para aquilo (a história da dona Joana), é preciso ver o que é prioridade. Eu procurava calibrar meu tempo, e isso fui aprendendo até mesmo antes dessa história. Se você se livra das coisas mais simples muito rápido, sobra tempo, coisa que você não precisa contar para seu chefe. Eu falava isso para meus repórteres depois que virei editor: “Me engana, pô, usa seu tempo”. No fim, você está fazendo isso para publicar as melhores histórias.

**LUISA E MARIA CAROLINA: No livro e no filme, conseguimos perceber as informações sobre a segurança da vida dela. Queríamos saber como foi para você pessoal e profissionalmente lidar com essa dificuldade?**

**FÁBIO:** Em relação à segurança dela, desde o primeiro momento em que as fitas são vistas, percebe-se que tem uma proximidade da Ladeira dos Tabajaras e, ao ter essa pauta em mãos, é claro que só é possível publicar se não for causar um risco de vida para pessoa e ali a gente tinha muito claro que poderia ter. A partir do momento que eu entro na casa dela, aí mesmo que não existia nenhuma dúvida, porque era tão próximo que me assustou quando eu vi. Era tipo 100, 150 metros no máximo. Dava para ver a olho nu. Então, a preocupação era que só poderíamos publicar (a matéria) quando ela estivesse em segurança, ou seja, sem ela ali (no apartamento). Como muitas vezes ela dizia



Foto: Fábio Guimarães (Jornal Extra)

que se colocava em risco, a gente não negociou isso, o que foi até um motivo que causou meu breve afastamento dela. Ela queria mesmo que fosse (publicada a matéria) com ela ali e não entendia que era algo arriscado. E isso (a situação) precisava dessa compreensão. Já na segunda fase das negociações, ela passou a entender melhor.

**LUISA E MARIA CAROLINA: E a questão da sua segurança?**

**FÁBIO:** O repórter é uma pessoa. Tem uma cena do filme que a inspetora fala para o repórter: “Você está na chuva, é para se molhar”. Faz parte do ofício. Eu não recebi ameaça, mas sim processo dos PMs. Quando o processo é empresa e repórter, (significa que) eles estão personificando e entendendo que eu era o responsável. Os delegados, por exemplo, não foram processados, ninguém mais foi além de mim. O próprio delegado do caso me denunciou por crime de desobediência, porque como eles (a polícia) quebraram o acordo, eu parei de entregar as fitas para eles. Eu conto isso no livro.

Um capitão que foi preso e morreu três dias depois da dona Joana falecer não gostava nem um pouco de mim. Um oficial que eu conhecia me avisava que o cara me odiava. Mas é isso, fazer o quê? A minha segurança está na seriedade com que eu faço as coisas, eu não pessoalizo nada. Não vai ter covardia. Ao longo de trinta anos de carreira, tive apenas uma ameaça.

**LUISA E MARIA CAROLINA: O que você acha que mais te marcou tanto como pessoa quanto como profissional?**

**FÁBIO:** Não tem como não ser marcado. Eu atravesso uma linha que na faculdade a gente aprende que não deve ser atravessada, que é o quanto você interfere na história. Não tinha como ser diferente, já revisei (tudo) mil vezes. Isso veio muito à tona quando escrevi a primeira reportagem que saiu no caderno.

Quando eu estava na última página, eu falei para o Otávio Guedes: “Cara, eu acho que tenho que fazer um texto em primeira pessoa para explicar e dar transparência sobre tudo isso”. Quando a gente faz uma denúncia, em geral, a gente causa algo. No fundo, o jornalismo interfere. E lembrando que a matéria era um desejo dela também.

Com a nossa capacidade de entendimento, no momento (do acontecido), sobre a questão humana, é justificada qualquer tomada de decisão. A transparência deu super certo, o que me trouxe um ensinamento, tanto que eu paro de chamar de personagem em um determinado momento. A carga emocional que isso gerou em mim ao longo desses vinte anos foi absurda. Quando terminei o caderno, desabei a chorar. Fiquei nervoso, pensando... “Será que vai acontecer algo com ela?” Isso vai te desgastando.

Esse processo que é contra um jornalismo diário, do hard news, na verdade acaba te mostrando que tudo na vida tem um período de maturação, inclusive uma reportagem, porque o ser humano precisa amadurecer suas ideias e suas convicções. Isso faz com que você veja o tempo de uma forma diferente.

No ano seguinte, (por exemplo,) eu fiz uma reportagem sobre violência contra criança e, a cada entrevista, eu levava cerca de quatro a seis horas com as pessoas. Porque eu começava a perguntar sobre aquela história desde o início. É importante entender o contexto. Eu gosto de saber o anterior de tudo. Fora, claro, (identificar as) falsas denúncias.

“A carga emocional que isso me trouxe ao longo de vinte anos é absurda. Quando termino o caderno, desabo a chorar.”

**LUIZA E MARIA CAROLINA: Nesse relançamento do livro, como foi trazer a verdadeira identidade da dona Joana?**

**FÁBIO:** Desde sempre a dona Joana queria o nome dela (na reportagem), ela me cobrava (isso), brigava comigo, e no livro também, que ela não gostou, porque tinha só o sobrenome dela, que era o máximo que dava. Ninguém imaginaria que o sobrenome dela seria “da Paz”. Mudei algumas coisas da vida dela, nomes, locais, e ela não gostou. Infelizmente, ela já morreu, mas, mesmo assim, eu consegui fazer essa homenagem para ela, que, para mim, era o mínimo. Tanto que eu conversei com a editora sobre a primeira parte do livro: “Devemos manter ou não o nome?”, e eles entenderam que não, que a gente precisava atualizar. Eu trago novidades que surpreendem as pessoas, mas sem tirar o contexto e a força da história porque a história é forte, por quem era a dona Joana, pelo que ela fez e pela segunda parte, que era o nosso encontro. A história não existiria se a gente não tivesse se encontrado.

A capa do livro é uma foto minha no momento de crise, em que o Programa de Proteção a Vítimas e Testemunhas Ameaçadas não pôde aceitar ela, por lei mesmo, pela definição do

“A história não existiria se a gente não tivesse se encontrado.”

que é o programa. E eu impliquei com a capa, mas depois percebi que ali nasce a dona Joana, mostra a mudança (de Joana para Vitória e agora de Vitória para Joana novamente). Eu não consegui ir ao enterro dela, só fui ao local que ela foi sepultada, e ao chegar lá, não tinha placa nenhuma. Tinham falado que iam colocar, então eu fui à administração e perguntei se podia fazer a placa. Botei a mesma foto e um subtítulo: “A heroína que mudou a história de um bairro” e pus os dizeres, o nome completo dela: Joana Zeferino da Paz (Dona Vitória), para que todos saibam. Ela vai ser exumada em fevereiro do ano que vem (2026), então pelo menos nesses meses as pessoas terão a chance de saber sobre. Só não consegui colocar a tempo porque ela foi sepultada em cima de um homem chamado Vitório da Paz. Incrível. É algo inexplicável.

### Sinopse do livro “Dona Vitória Joana da Paz”

Quando uma senhora idosa começa a registrar com sua câmera os movimentos suspeitos da vizinhança, o que parecia curiosidade vira prova. Dona Vitória Joana da Paz é a história real de uma mulher comum que enfrentou o tráfico e mudou sua comunidade — um relato poderoso sobre coragem, vigilância e justiça no cotidiano urbano.

Autor: Fábio Gusmão

Editora: Planeta

Ano: 2024

Nº de páginas: 224



PLEASE STAY BEHIND THE YELLOW LINE  
Manténgase detrás de la línea amarilla

\$ 250 FINE  
Manténgase detrás de la línea amarilla

793

9:24 AM

NABI

